

BRUNA BARBALHO SILVEIRA SANTANA

**PARA ALÉM DO SOM:
RELATOS DE CONQUISTAS E DESAFIOS NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE
ESTUDANTES SURDOS QUE CHEGARAM AO ENSINO SUPERIOR**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo – 2025

BRUNA BARBALHO SILVEIRA SANTANA

**PARA ALÉM DO SOM:
RELATOS DE CONQUISTAS E DESAFIOS NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE
ESTUDANTES SURDOS QUE CHEGARAM AO ENSINO SUPERIOR**

Projeto de Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo – 2025

AGRADECIMENTOS

A construção desta dissertação foi uma jornada marcada por desafios, aprendizados e, sobretudo, pela colaboração e apoio de muitas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para sua realização.

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Mitsuko Antunes, carinhosamente Mimi. Com toda sua calma, você me trouxe calma em momentos de dúvida e inquietação. Sua paciência, sabedoria e carinho foram essenciais para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Expresso minha profunda gratidão a Ricardo Nakasato, a quem chamo de meu mestre. Você é meu portal de conhecimentos sobre a comunidade surda e a língua de sinais. Sua dedicação à comunidade surda são inspirações constantes. Sua rica história na militância em prol da comunidade surda enriqueceu este trabalho de maneira única e transformadora.

Aos intérpretes de Libras, que desempenham um papel fundamental ao mediar a comunicação e possibilitar trocas tão significativas, deixo meu mais sincero reconhecimento e respeito. Vocês são pontes de acesso e inclusão, e seu trabalho é indispensável para a construção de um mundo mais justo e acessível.

Minha eterna gratidão à toda comunidade surda, de gerações passadas e presentes. Graças à força das mãos que falam e à percepção aguçada dos olhos que enxergam além, estamos alcançando patamares que, anos atrás, muitos acreditavam ser impossíveis para alguém que não ouve: chegar ao ensino superior. Vocês mostram, todos os dias, que o poder de transformar o mundo está nas mãos que lutam e nos olhos que interpretam. Viva *Deaf Power*!

Agradeço profundamente aos meus pais, Everaldo e Andrea, que me deram autonomia desde a minha primeira infância. Obrigada por nunca olharem para a minha surdez como uma limitação, mas como uma característica que jamais definiu minhas

capacidades ou sonhos. Foi através do amor, incentivo e confiança de vocês que eu me tornei a pessoa que sou hoje.

Ao meu companheiro, Ancelmo, sempre presente, agradeço por ser meu porto seguro, por me oferecer força nos momentos mais desafiadores e por acreditar em mim incondicionalmente. Seu amor e sua presença constante tornaram essa caminhada muito mais leve e especial.

À minha coordenadora no trabalho, Daniele Oliveira Torati, que se comunica em Libras com doçura e sensibilidade, agradeço profundamente por flexibilizar meus horários de trabalho, permitindo que eu pudesse conciliar os estudos com minhas responsabilidades profissionais. Sua dedicação em apoiar docentes surdos, garantindo que tenham o privilégio de ensinar a língua de sinais, é admirável. Sua postura acolhedora e seu exemplo são inspirações para a construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

Ao programa de Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, agradeço pelo acolhimento respeitoso e inclusivo. Em especial, aos professores, com um carinho especial à Laurinda, que fez toda a diferença no meu primeiro dia de aula com seu afeto e cuidado. A organização das aulas em círculos, sem conversas paralelas, foi uma demonstração de respeito e acessibilidade, permitindo que eu pudesse acompanhar todos no ritmo adequado com o auxílio dos intérpretes.

Aos colegas, agradeço pelo apoio e incentivo ao longo desta jornada. Em especial ao Caio Colombo, pela sua disposição em me ajudar com minhas dúvidas. Sua generosidade e paciência fizeram toda a diferença.

Por fim, dedico esta dissertação a todas as pessoas surdas que enfrentam diariamente os desafios do sistema educacional. Que este trabalho contribua, ainda que modestamente, para a ampliação de suas oportunidades e conquistas.

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado tem como objetivo identificar, analisar e refletir sobre os desafios enfrentados pela pessoa surda em seu processo de escolarização na Educação Básica, que possam dificultar ou propiciar seu acesso e permanência no Ensino Superior, que ainda é uma oportunidade restrita para pessoas surdas. Como procedimento de produção de dados utilizou-se do relato pessoal da autora sobre seu processo de escolarização e de uma entrevista com uma pessoa surda que conseguiu superar todas as dificuldades e chegou à graduação e ao mestrado. Como procedimento de análise de dados foram elencados eixos temáticos a partir dos quais foram organizados os dados de cada um dos participantes, seguidos de uma análise comparativa entre ambos e finalizando com uma reflexão sobre os achados da pesquisa. Os dados mostram que a aceitação e o acolhimento da família é fundamental para que a pessoa surda possa acessar e permanecer na escola; as experiências dos participantes foram distintas, uma com acesso à Libras desde a Educação Infantil e outra num internato que adotava práticas punitivas e estritamente oralistas que impactaram a aprendizagem e o desenvolvimento do participante, só superada na adolescência quando este passou a participar de uma comunidade de jovens surdos; há necessidade de formação mais ampla dos educadores e de adoção de políticas públicas baseadas, antes de mais nada, na perspectiva daqueles que são o público-alvo da inclusão educacional, no caso, os educandos surdos.

Palavras-chave: Surdez; Educação Especial; Educação para surdos; Educação Inclusiva; Acessibilidade.

ABSTRACT

This Master's Dissertation aims to identify, analyze, and reflect on the challenges faced by deaf individuals in their schooling process within Basic Education, which may hinder or facilitate their access to and permanence in Higher Education—a field still restricted for many deaf individuals. The data collection methods included the author's personal account of her schooling process and an interview with a deaf individual who overcame significant challenges to achieve both undergraduate and master's degrees. Data analysis was conducted through thematic axes, organizing the data from each participant, followed by a comparative analysis between them, and concluding with a reflection on the research findings. The data reveal that family acceptance and support are fundamental for deaf individuals to access and remain in school. The participants' experiences were distinct: one had access to Brazilian Sign Language (Libras) from early childhood education, while the other attended a boarding school with punitive and strictly oralist practices that negatively impacted their learning and development. These challenges were only overcome in adolescence, when the individual became part of a deaf youth community. The study highlights the need for broader teacher training and public policies based primarily on the perspectives of those targeted by educational inclusion—namely, deaf students.

Keywords: Deafness; Special Education; Education for the Deaf; Inclusive Education; Accessibility.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEFABV: Centro de Recursos em Deficiência Múltipla, Surdocegueira e Deficiência Visual.

BERA: Brainstem Auditory Evoked Response (Potencial Evocado Auditivo do Tronco Cerebral).

BRASCRI: Associação Brasil Criança.

DERDIC: Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação.

FENEIS: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

L1: Primeira Língua.

L2: Segunda Língua.

LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais.

MEC: Ministério da Educação e Cultura.

PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

UFPE: Universidade Federal de Pernambuco.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO 1. A PESQUISA.....	11
CAPÍTULO 2. SURDEZ	14
CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	23
RELATO DA AUTORA	24
ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO	40
ANÁLISE DA ENTREVISTA.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79

APRESENTAÇÃO

Eu sou surda. Sempre soube disso, porque, para mim, ser surda nunca foi algo que precisasse ser compreendido ou aceito – era simplesmente quem eu era. Quando criança, pensava que todos eram como eu, até perceber que o mundo ouvia de uma forma que eu não ouvia. Essa descoberta não mudou quem eu era, mas começou a mostrar os desafios que enfrentaria em um mundo que nem sempre está preparado para a diferença.

Aos 8 anos, quando nos mudamos para Pernambuco, enfrentei um dos momentos difíceis da minha vida escolar. A primeira escola em que tentamos a matrícula recusou minha entrada, alegando que não estavam preparados para receber uma criança surda. Minha mãe, com firmeza e paciência, insistiu e fez questão de mostrar que eu sabia ler e escrever, que era como as outras crianças – apenas não ouvia. Ela não desistiu até que eu fosse aceita; foi assim que aprendi, pela primeira vez, que, para nós, surdos, existir em espaços ouvintes significa, muitas vezes, provar que somos capazes.

Mas estar dentro da escola não significava que os desafios tinham acabado. Professores despreparados, colegas que não falam a minha língua e a falta de apoio eram situações frequentes. Lembro-me de momentos em que me deixava ficar no mundo da lua, enquanto o professor explicava algo de costas para a turma. Como entender dessa forma? Precisava sempre avisar, explicar que era necessário que ele se posicionasse de frente, para que eu pudesse compreender. Lembro de um trecho com o qual me identifiquei na obra de Laborit (1997):

Se tivesse tido um professor capaz de se comunicar com os sinais (...) teria sentido menos medo dos exames. Lia nos lábios. Era necessário que conseguisse deduzir daquilo que lia nos lábios UMA palavra, depois outra, até finalmente construir UMA frase.
(p. 169)

Apesar disso, não desisti. Cada desafio me impulsionou a buscar formas alternativas de aprendizado, reforçando minha determinação de que a educação não

era apenas uma obrigação, mas a chave para viver com mais autonomia num mundo no qual a maioria não fala a minha língua, mas fiz o meu melhor para me integrar ^{1a} ele. Encontrei força em cada dificuldade, transformando obstáculos em oportunidades para seguir em frente e alcançar meus objetivos.

Com o tempo, percebi que minha experiência não era única. Outras pessoas surdas passaram por situações parecidas, enfrentando exclusão e preconceito. Conhecer essas histórias me motivou a investigar mais profundamente como a educação pode transformar a vida de pessoas surdas e como as barreiras que enfrentamos podem nos tornar ainda mais resilientes.

Este trabalho é, acima de tudo, um reflexo da minha vivência e da força da comunidade surda. Ele é um testemunho de luta, mas também de esperança. Espero que inspire reflexões e mudanças concretas, para que nenhuma criança surda precise provar que é capaz de aprender. Que a educação seja um direito pleno para todos e não uma batalha diária por aceitação.

¹ Trata-se de integração, pois eu tive que me adaptar às condições da escola. Na inclusão, as condições são transformadas para que todas as necessidades do educando sejam satisfeitas. A diferença entre inclusão e integração: a inclusão implica prover todas as condições para que TODOS possam aprender, se desenvolver e usufruir de tudo o que a sociedade propicia; na integração cabe à pessoa adaptar-se às condições postas pela sociedade.

CAPÍTULO 1. A PESQUISA

Esta Dissertação de Mestrado discute os desafios enfrentados pela pessoa surda, no Brasil, para estudar durante a infância e a adolescência e chegar ao Ensino Superior. Para melhor compreender as conquistas e os desafios relacionados à vida acadêmica da pessoa surda, foi realizada uma entrevista com alguém que conseguiu superar todas as dificuldades e concluiu a graduação e a pós-graduação e um relato pessoal sobre o percurso de escolarização da autora. De acordo com Paddy Ladd (2013, p. 7), surdo e defensor dos direitos das pessoas surdas, “As comunidades Surdas de todo o mundo têm dedicado muita energia durante os últimos 250 anos pelo reconhecimento da sua verdadeira natureza de ser-no-mundo.”

Esse reconhecimento, no entanto, tem sido historicamente permeado por barreiras de diversas naturezas: sociais, linguísticas, educacionais e culturais. Entre os principais desafios enfrentados pelas pessoas surdas, destacam-se a ausência de práticas pedagógicas bilíngues, a marginalização histórica da Língua de Sinais e o preconceito estrutural que limita o acesso a recursos educacionais adequados.

O problema central que norteia esta pesquisa é: quais são os desafios que a pessoa surda encontra em seu processo de escolarização? Nesse contexto, o objetivo geral é compreender as dificuldades enfrentadas pela pessoa surda ao longo de sua trajetória escolar até o Ensino Superior. Como objetivos específicos, busca-se identificar as estratégias empregadas por essas pessoas para superar barreiras educacionais, sociais e comunicacionais, ampliando o debate sobre práticas inclusivas e contribuir para a adoção de políticas públicas inclusivas.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a educação de pessoas surdas, com o intuito de ampliar o acesso à educação de qualidade e promover uma sociedade mais equitativa. Estima-se que no Brasil há cerca de 9 milhões de pessoas surdas, das quais muitas ainda enfrentam exclusão educacional devido à ausência de acessibilidade linguística e pedagógica.

Metodologicamente, este estudo adota um enfoque qualitativo, utilizando narrativas de história de vida para investigar a experiência de escolarização de pessoas surdas. Foram analisados um memorial reflexivo elaborado pela pesquisadora e uma entrevista semiestruturada conduzida em Libras, com um participante surdo, com transcrição e análise crítica. Essa abordagem permitiu

explorar tanto as dificuldades quanto as estratégias de superação que marcaram as trajetórias acadêmicas de pessoas surdas.

A estrutura desta dissertação está organizada em quatro partes: a introdução, que contextualiza a problemática e apresenta os objetivos do estudo; o desenvolvimento, que inclui a análise da trajetória acadêmica da autora e a entrevista realizada; as considerações finais, que sintetizam os achados e apresentam reflexões sobre a superação dos desafios; e, por fim, as referências bibliográficas que fundamentam teoricamente a pesquisa.

Ao abordar a escolarização de pessoas surdas no Brasil, esta pesquisa busca não apenas destacar os desafios enfrentados, mas também valorizar as conquistas e estratégias que permitiram a superação de barreiras. Ao enfatizar a importância da educação bilíngue e da valorização da Libras, o estudo se alinha aos avanços recentes nas políticas públicas voltadas para a inclusão.

Por fim, ao integrar uma análise reflexiva e uma entrevista de história de vida, esta dissertação contribui para o debate sobre equidade no acesso à educação e ressalta a relevância de práticas pedagógicas que respeitem as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Assim, o trabalho reforça a importância de reconhecer as conquistas dos sujeitos surdos e a necessidade de fortalecer políticas e práticas inclusivas no contexto educacional brasileiro.

Problema de Pesquisa: quais são os desafios que a pessoa surda encontra em seu processo de escolarização?

Objetivo Geral

O Objetivo Geral desta Dissertação de Mestrado é compreender quais foram as dificuldades enfrentadas pela pessoa surda ao longo de sua vida escolar, até chegar ao Ensino Superior.

Objetivos Específicos

Os Objetivos Específicos desta Dissertação de Mestrado são: compreender como a pessoa surda supera suas dificuldades ao longo de sua vida escolar, até

chegar ao Ensino Superior, ou seja, quais são suas estratégias para estudar e aprender, bem como para vencer discriminações e preconceitos, e contribuir para a adoção de políticas públicas inclusivas.

Relevância

A relevância desta pesquisa está em compreender como as pessoas surdas, no Brasil, fazem para estudar, desde os primeiros anos de escolarização até chegarem ao Ensino Superior. Atualmente, há cerca de 9 milhões de pessoas surdas no país.

Procedimentos Metodológicos

Como procedimento de produção de dados foram utilizadas as narrativas de história de vida, com foco no processo de escolarização com ênfase nos desafios, mas principalmente nos fatores que permitiram às pessoas chegarem ao curso superior, à sua profissionalização e, no presente, no mestrado.

Uma das narrativas, produzida por escrito na forma de memorial, é o relato da autora desta pesquisa. A outra narrativa, realizada sob a forma de entrevista, foi realizada com interpretação de LIBRAS, com a finalidade de facilitar a transcrição posteriormente.

Foi realizada uma entrevista, com uma pessoa surda, para compreender como ela conseguiu estudar, desde os primeiros anos de escolarização, até chegar ao Ensino Superior. Em seguida, esse relato pessoal foi analisado, criticamente, para que fossem identificadas as estratégias de aprendizagem, as formas de manter a motivação e como superar as discriminações e os preconceitos.

CAPÍTULO 2. SURDEZ

A surdez é mais do que uma condição auditiva; é uma parte essencial da identidade e cultura de milhões de pessoas em todo o mundo. Por décadas, a maneira como as pessoas surdas foram percebidas e educadas refletiu não apenas os avanços médicos e tecnológicos, mas também as atitudes sociais em relação à surdez e à diversidade.

De acordo com Strobel (2009, p. 21), a cultura é um processo dinâmico, em constante mudança, moldado pelas lutas coletivas ao longo das gerações. Essa perspectiva dinâmica pode ser observada na transformação da percepção da surdez ao longo do tempo, passando de uma visão centrada na deficiência para uma valorização da diversidade e da cultura surda. No entanto, essa mudança não foi fácil, pois as pessoas surdas enfrentaram durante anos estigmas, discriminação e barreiras de acesso à educação, emprego e participação na sociedade.

A formação da identidade surda só pode ser plenamente compreendida ao considerarmos sua história, uma vez que a identidade está intrinsecamente ligada à história da sociedade e do sujeito. Como afirmou Ciampa (1990, p. 157) "A identidade é história". Portanto, ao reconhecer e entender esse contexto, podemos apreciar mais profundamente as experiências, desafios e conquistas das pessoas surdas ao longo do tempo.

A evolução dos termos como 'surdo' vai além de meras descrições médicas; também se tornaram identificadores culturais, refletindo as experiências e perspectivas das próprias comunidades surdas. É crucial reconhecer que as narrativas e representações sobre surdez frequentemente foram dominadas por vozes não surdas, como questiona, de forma incisiva, Strobel:

Muitos autores escrevem belos livros sobre os surdos, mas será que realmente nos conhecem? Têm um entendimento da cultura surda? Sentiram na própria pele o que é ser surdo? (Strobel, 2009, p. 11)

Diante dessas reflexões, torna-se imperativa a necessidade de dar voz às próprias comunidades surdas. Oliver Sacks, em sua obra *Vendo Vozes* (1998, p.17),

destaca a necessidade de dar espaço e valorizar as vozes e expressões culturais das pessoas surdas; é essencial reconhecer e respeitar a diversidade de experiências e perspectivas dentro da comunidade surda. Oliver Sacks também observou que as pessoas surdas foram muitas vezes consideradas “incapazes de se comunicar e privadas de conhecimentos” (1998, p. 27), ressaltando os desafios adicionais enfrentados pelas pessoas surdas na obtenção de acesso à educação e à informação, o que muitas vezes resultou na falta de oportunidades para expressarem suas vozes. Sobre a falta de oportunidades para expressar suas vozes, hoje em dia os surdos têm liberdade de expressar seu olhar sobre a surdez, sua identidade e sua cultura. De tantas lutas, finalmente temos nosso *lugar de fala*.

Além disso, como ressaltou Paddy Ladd (2013, p. 66), "Os surdos foram intencionalmente criados na terra para manifestar estas qualidades e o valor da sua existência não deveria ser questionado", enfatizando a importância de reconhecer e celebrar as contribuições e a riqueza da experiência surda.

À medida que avançamos em direção a uma compreensão mais ampla da surdez, é essencial não apenas reconhecer os desafios históricos enfrentados pelas pessoas surdas, mas também celebrar os avanços notáveis na promoção da igualdade de oportunidades e no respeito aos direitos surdos. Para isso, é imprescindível mergulhar em um resumo histórico desde as antigas civilizações até os dias atuais, em que testemunhamos uma evolução marcante na percepção e tratamento dos surdos, refletindo não apenas mudanças médicas e tecnológicas, mas também transformações nas atitudes sociais em relação à diversidade e à surdez.

Das Civilizações Antigas a Época Moderna: um breve relato

A história da percepção sobre as pessoas surdas ao longo das civilizações antigas até a era moderna revela uma variedade de interpretações e atitudes em relação a esse grupo marginalizado. No antigo Egito, por exemplo, as pessoas surdas eram veneradas e consideradas portadoras de uma função sagrada, intermediando a comunicação entre os faraós e os deuses, conforme descrito Rodrigues e Valente, (2011).

Essa visão contrasta drasticamente com a realidade compartilhada na Antiga Grécia, que retratava os surdos como não humanos e incapazes. Essa concepção derivava da crença de que os surdos não poderiam desenvolver linguagem devido à

falta de audição, o que os excluía da condição humana. Essa visão persistiu ao longo dos séculos, resultando em uma série de desafios para as pessoas surdas devido à falta de compreensão e a discriminação por parte da sociedade.

Moura (2000) menciona que, na época, os indivíduos que perdessem a audição após adquirir linguagem oral não eram classificados como surdos. Aristóteles sustentava que a linguagem era o atributo fundamental da humanidade e, sem ela, os surdos eram considerados não humanos. Além disso, ele não via possibilidade de desenvolvimento intelectual para os surdos.

Desde as antigas civilizações até o século XII, os direitos legais das pessoas surdas eram frequentemente negados em muitas culturas ao redor do mundo. Na Europa medieval, por exemplo, as leis muitas vezes proibiam as pessoas surdas de se casarem, fazerem testamentos ou participarem plenamente da vida social e política. Essa discriminação era alimentada pela falta de compreensão sobre a surdez e sobre as capacidades das pessoas surdas, frequentemente vistas como incapazes de raciocinar ou se comunicar de forma significativa, sendo rotuladas como "retardadas" ou com deficiência intelectual. Como resultado, eram excluídas de muitos aspectos da vida cotidiana e, em questões legais, muitas vezes precisavam de um tutor legal para representá-las.

Em meados da Idade Moderna, surgiu a primeira referência histórica que possibilitou aos surdos aprenderem tanto através da língua de sinais quanto da língua oral. O pioneiro na educação dos surdos foi Pedro Ponce de León, reconhecido como o primeiro professor surdo na história, cujo trabalho influenciou profundamente outros educadores. Ponce de León, um monge espanhol, dedicou a maior parte de sua vida à educação de surdos de famílias nobres. Utilizando métodos inovadores para a época, ele não apenas ensinava seus alunos a se comunicarem por meio de gestos e sinais manuais, mas também os instruía a falar, escrever, ler, rezar e compreender as doutrinas do cristianismo.

Segundo Moura (2000), as famílias de alta posição viam em Ponce de León a esperança de ensinar seus filhos surdos a falar, pois a incapacidade de falar poderia resultar na exclusão legal e na perda de herança para os herdeiros primogênitos. A habilidade de falar representava não apenas a capacidade do surdo de ser reconhecido como cidadão, mas também seu direito de herdar a fortuna e o título familiar.

Pedro Ponce de León foi um pioneiro, ao demonstrar que os surdos, mesmo aqueles que não conseguiam falar oralmente, eram capazes de desenvolver plenamente suas faculdades intelectuais, desafiando a visão predominante, influenciada por Aristóteles, de que os surdos eram incapazes de raciocinar como as pessoas ouvintes. Além de proporcionar educação formal, Ponce de León também contribuiu significativamente para a integração social dos surdos educados, que passaram a desfrutar de privilégios legais e reconhecimento perante a lei, ao contrário dos surdos considerados mudos, frequentemente marginalizados e privados de direitos.

Do Congresso de Milão de 1880 à Educação Bilíngue: Uma Visão Atual

Desde os primeiros educadores de surdos que apoiaram o uso da língua de sinais como meio de comunicação eficaz, até aqueles que defenderam o ensino exclusivamente oral, a educação dos surdos tem sido marcada por debates intensos e mudanças significativas ao longo da história. No final do século XIX, essas divergências culminaram no Congresso de Milão, em 1880, um evento que teve um impacto profundo na educação dos surdos e nas políticas educacionais em todo o mundo.

O Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Milão, em 1880, tinha como objetivo estabelecer critérios internacionais e científicos para a educação dos surdos. As resoluções resultantes desse congresso trouxeram uma mudança radical na vida dos surdos. Durante a votação, na qual os professores surdos foram excluídos, decidiu-se que apenas a língua oral do país deveria ser ensinada, relegando a língua de sinais a um estatuto inferior. Essas decisões provocaram controvérsias e geraram conflitos entre aqueles que defendiam a língua de sinais e aqueles que defendiam a língua oral, influenciando profundamente o futuro da educação dos surdos e moldando as políticas educacionais por muitos anos. Embora tenham ocorrido avanços significativos na valorização e no reconhecimento da língua de sinais e dos direitos das pessoas surdas, os efeitos dessas políticas históricas ainda são sentidos em diversas práticas e debates educacionais até os dias atuais.

Após o período do oralismo, surgiram diversas abordagens para a educação de surdos, incluindo:

Comunicação Total: Surgiu predominantemente na década de 1960, esta abordagem integra diversas formas de comunicação, como língua de sinais, alfabeto digital e expressão facial, juntamente com a fala. De acordo com Moura, o método de Comunicação Total:

(...) não tem intenção de demonstrar todas as características gramaticais e de estruturação da língua de sinais (...) a intenção é apenas demonstrar algumas diferenças para que se possa verificar a impossibilidade de acoplar-se a língua oral à língua de sinais, ela estava impossibilitada de fazê-lo, na medida que tudo que deveria ser sinalizado deveria ser acompanhado de fala. (Moura, 2000, p. 58)

Bilinguismo: A cultura e a língua dos surdos permaneceram vivas desde o Congresso de Milão em 1880, demonstrando sua importância e resistência ao longo dos anos. Houve lutas pelo reconhecimento e pelo direito de usar a língua de sinais, que é natural para os surdos e essencial como língua materna. Surgiu então o bilinguismo, uma abordagem que se desenvolveu ao longo das décadas, com princípios estabelecidos na segunda metade do século XX. Esta abordagem promove o ensino e o uso de duas línguas: a língua de sinais como primária e a língua oral (geralmente a majoritária no país) como secundária. O bilinguismo reconhece e valoriza a língua de sinais como completa, proporcionando acesso pleno à educação, comunicação e cultura surda, ao mesmo tempo que desenvolve habilidades na língua majoritária para facilitar a integração na sociedade, respeitando a identidade cultural e linguística dos surdos.

Nesse resumo sobre como os surdos eram tratados ao longo das diferentes eras, é importante relembrar os primeiros registros históricos, pois os surdos eram frequentemente estigmatizados como indivíduos desprezíveis e incapazes, o que provocou intensos debates educacionais entre o uso da língua de sinais e o oralismo. Contudo, é essencial reconhecer que a identidade e a cultura dos surdos transcendem as barreiras da linguagem e dos estudos acadêmicos convencionais. Eles desenvolveram uma capacidade única de expressão através das mãos e do corpo,

refletindo uma rica identidade cultural que resistiu ao teste do tempo. Portanto, a história dos surdos não apenas documenta uma trajetória de superação de desafios educacionais, mas também representa um testemunho contínuo de sua dignidade, diversidade e contribuições significativas para a sociedade.

Aquisição Linguística e Escolarização

Como uma criança pode aprender a ler e escrever se não tiver adquirido uma língua? Essa é uma questão central na educação de crianças surdas. Na realidade de muitas dessas crianças, o desafio começa em casa, onde, muitas vezes, não há comunicação efetiva. Os familiares frequentemente conversam entre si, sem se engajar diretamente com a criança, o que impede que ela adquira uma língua de forma natural. Segundo Strobel (2009, p. 55), "na maioria dos casos, com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo."

A aquisição linguística é um ponto central no desenvolvimento acadêmico de qualquer criança, mas, para as crianças surdas, esse processo é ainda mais crítico. Muitas vezes, essas crianças não têm acesso à língua de sinais desde cedo, seja por falta de conhecimento da família ou pela ausência de recursos disponíveis. Isso significa que elas chegam à escola sem uma base linguística sólida, o que impacta negativamente sua capacidade de aprender a ler e escrever. Segundo Lane (1992, p. 21):

Apesar de a criança surda que foi sujeita ao implante não se mover facialmente no mundo ouvinte, é pouco provável que o faça na comunidade surda; é pouco provável que aprenda fluentemente a língua de sinais (...). A criança surda corre então o risco de se desenvolver sem qualquer tipo de comunicação concreta, seja ela falada ou em língua de sinais.

O cenário mais preocupante ocorre quando essas crianças são inseridas em escolas regulares sem o apoio necessário, resultando em analfabetismo funcional. Elas podem ser promovidas para séries mais avançadas sem a devida compreensão dos conteúdos, apenas para que a escola mantenha uma aparência de inclusão. Isso resulta em um processo de exclusão disfarçado de inclusão, no qual o aluno avança nas séries sem realmente adquirir o conhecimento necessário. Essa prática

compromete o futuro dessas crianças, que enfrentam o risco de crescer sem dominar habilidades básicas de leitura e escrita, fundamentais para sua autonomia e inserção na sociedade.

A importância de os estudantes surdos adquirirem a língua de sinais é primordial. Como explica Strobel (2008, p. 49): “Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e à participação na comunidade surda têm maior segurança, autonomia e uma identidade saudável”.

Dessa forma, garantir a aquisição linguística adequada para crianças surdas, especialmente por meio da língua de sinais, é essencial para seu desenvolvimento integral. Sem essa base, essas crianças ficam privadas não apenas da comunicação, mas também de uma educação de qualidade e de poder participar ativamente da sociedade. Portanto, é fundamental que famílias, escolas e a sociedade como um todo se conscientizem da importância desse processo, assegurando que as crianças surdas tenham acesso a uma educação que respeite suas necessidades linguísticas e promova seu pleno potencial como cidadãos engajados e autônomos.

Chegar ao Ensino Superior

O ingresso de estudantes surdos nas universidades brasileiras representa um passo importante rumo à inclusão, mas ainda é marcado por desafios específicos que impactam diretamente suas experiências acadêmicas e sua formação. Segundo Ladd (2013, p. 7):

As comunidades surdas de todo o mundo têm dedicado muita energia, ao longo dos últimos 250 anos, ao reconhecimento de sua verdadeira natureza de ser no mundo.

Graças à luta e ao esforço contínuo dos surdos, a conquista do reconhecimento da Lei nº 10.436 de 2002, que estabelece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um meio legítimo de comunicação, é um passo fundamental para assegurar que esses estudantes possam se expressar em sua língua nativa e desenvolver seu potencial dentro do ambiente universitário.

Um exemplo emblemático dessa conquista é o marco histórico alcançado por Gladis Teresinha Taschetto Perlin, que, em 2003, tornou-se a primeira mulher surda a obter o título de doutora no Brasil. Essa conquista simboliza a determinação e resiliência da comunidade surda em ocupar espaços acadêmicos que historicamente lhes foram negados. Além disso, reflete a importância de políticas de acessibilidade, como a presença de intérpretes de Libras e a valorização do bilinguismo, demonstrando que a educação inclusiva é uma ferramenta essencial para a transformação social e cultural.

Em suas palavras:

O surdo não é melhor nem pior do que o ouvinte. O que os diferencia é a forma de comunicação (PERLIN, 2011).

Essa perspectiva reforça a importância de compreender a surdez como uma diferença linguística e cultural, e não como uma deficiência a ser superada. Tal visão é essencial para garantir que políticas educacionais respeitem a identidade surda e promovam a equidade.

Os estudantes surdos têm o direito de receber educação por meio de uma prática pedagógica bilíngue, onde a Libras é considerada sua primeira língua (L1) e o português escrito, sua segunda língua (L2). Essa abordagem bilíngue é essencial, pois permite que os alunos construam conhecimento de forma mais significativa e adequada às suas necessidades linguísticas. Assim, a compreensão do conteúdo acadêmico e a participação nas atividades tornam-se mais acessíveis, favorecendo o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades críticas.

Outro aspecto importante na jornada dos estudantes surdos é a presença de intérpretes de Libras nas aulas. Os intérpretes desempenham um papel crucial ao garantir que a comunicação entre os estudantes e os professores ocorra de forma eficaz. Sua atuação permite que os alunos surdos acessem plenamente o conteúdo e se integrem nas discussões acadêmicas, facilitando sua experiência educacional.

Para que os estudantes surdos consigam realmente chegar ao ensino superior, é fundamental que haja um comprometimento das instituições de ensino em oferecer recursos adequados, adaptando as práticas pedagógicas às necessidades dos

alunos. Dessa forma, será possível garantir que os estudantes surdos não apenas ingressem nas universidades, mas também possam se desenvolver plenamente, alcançando seu potencial acadêmico e profissional.

Nesse sentido, como afirmam Mandelblatt e Favorito (2022, p. 73), a criação do Curso de Graduação em Letras-Libras, lançado em 2006, foi uma iniciativa fundamental para a formação de professores capacitados para ensinar Libras nas escolas e no ensino superior. O curso, que visa graduar e licenciar professores (preferencialmente surdos), tem sido um importante passo para suprir a demanda por profissionais qualificados no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que promove a inclusão da comunidade surda no ambiente acadêmico. As autoras destacam que, entre 2010 e 2012, o curso graduou um total de 1.079 profissionais, incluindo 678 surdos, contribuindo significativamente para o fortalecimento da presença de educadores surdos nas instituições de ensino.

O curso de Letras-Libras representa um marco histórico e uma conquista da comunidade surda brasileira. Com aulas ministradas em Libras, a maioria dos docentes é fluente na língua, embora também haja professores ouvintes que atuam em conjunto com intérpretes de Libras. Essa formação demonstra que os surdos podem, sim, aprender e obter um diploma de nível superior, assim como qualquer outra pessoa. Além disso, a criação desse curso impulsionou a busca por acessibilidade em outros cursos superiores, promovendo a inclusão de recursos como intérpretes de Libras e legendas.

A base dessa conquista é a luta dos surdos, que demonstra que somos muito mais do que a falta de audição; nossos olhos favorecem o aprendizado. A promulgação da lei reforçou a importância da Libras como uma língua legítima, permitindo que a sociedade reconheça sua relevância e incentivando todos a aprendê-la, respeitando assim a língua e a cultura surdas.

CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para desenvolver esta dissertação adotou-se a abordagem qualitativa de pesquisa, que busca captar as vivências e as experiências de estudantes surdos em seu percurso escolar até o ensino superior. O trabalho foi dividido em duas etapas principais: a pesquisa bibliográfica e a coleta de relatos pessoais (relato de experiência escolar da autora e entrevista com um participante surdo).

Pesquisa Bibliográfica

A primeira etapa consistiu em uma revisão da literatura sobre a temática da surdez, escolarização e educação inclusiva. Foram analisados textos de autores como Paddy Ladd e Strobel que são surdos, Oliver Sacks e Lane, que abordam a questão da surdez sob diferentes perspectivas, incluindo a identidade cultural surda, as barreiras enfrentadas no sistema educacional e as implicações do oralismo versus o uso da Língua de Sinais. Esta pesquisa serviu como base teórica para entender o contexto histórico e social que influencia a vida acadêmica dos surdos no Brasil e foi apresentada no capítulo anterior.

Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de duas abordagens:

Relato Pessoal: A autora da dissertação compartilhou seu próprio relato sobre o processo de escolarização como estudante surda na primeira infância, descrevendo as dificuldades e conquistas ao longo de sua trajetória acadêmica. Esse relato tem a finalidade de mostrar as experiências vividas e apresentar um ponto de vista sobre os desafios enfrentados.

Entrevista: Uma entrevista foi realizada com Carlos Alberto (nome fictício), um estudante surdo que superou diversas barreiras para alcançar e concluir o mestrado. A entrevista foi conduzida em Libras, com a ajuda de uma equipe de intérpretes de Libras para a Língua Portuguesa. Os tópicos abordados na entrevista incluíram suas experiências na comunidade surda, familiares e escolares, desafios enfrentados ao

longo do percurso educacional e estratégias que utilizou para alcançar o sucesso acadêmico e profissional.

RELATO DA AUTORA

Olá, mundo, eu nasci surda!

Minha mãe, natural de Pernambuco, e meu pai, nascido na Bahia, estabeleceram contato em São Paulo, onde ocorreu meu nascimento. Durante meu primeiro ano de vida, minha mãe começou a suspeitar de minha surdez, ao notar que eu não reagia a sons comuns, como o cair de panelas. Ela realizou testes, como bater palmas por trás de mim, sem obter resposta, e decidiu consultar um otorrinolaringologista. No entanto, o médico inicialmente descartou suas preocupações, atribuindo sua apreensão à inexperiência materna, dada sua juventude e *status* de "marinheira de primeira viagem".

Apesar das tentativas de tranquilização por parte de minha mãe, as dúvidas persistiram, levando-a a procurar uma segunda opinião médica. Foi então que minha avó materna, ao visitar-me em São Paulo, também notou sinais de surdez. Diante disso, minha mãe decidiu submeter-me a exames mais aprofundados, incluindo o exame de BERA. O diagnóstico de surdez foi confirmado nesse momento; a razão por trás da minha surdez pode ter sido a rubéola, contraída durante a gravidez da minha mãe.

Desde o momento da descoberta, meus pais acolheram e aceitaram minha condição auditiva, embora inicialmente tenham enfrentado um choque diante da inesperada realidade de ter uma filha surda.

Quando perguntei a meus pais sobre seus sentimentos ao descobrirem minha surdez, suas respostas foram as seguintes:

Mãe:

Eu fiquei com várias perguntas, surpresa. Um mix de sentimentos, incertezas, coragem, medo de falhar, mas me senti uma leoa, o meu amor por você me faria enfrentar tudo e qualquer obstáculo ficaria pequeno. Sempre quis te preparar a se defender, a ter opinião própria e ter autonomia.

Hoje eu me orgulho da filha que és, eu não me arrependo de nada do que enfrentei e fui capaz de fazer. Tudo foi necessário, uma linda história, que ainda está em construção, você será sempre um sucesso.

Pai:

No começo, achei que não fosse surdez, mas quando fomos ao especialista, fiquei muito preocupado. Cheguei a considerar a possibilidade de colocar o implante coclear. Senti uma forte vontade de fazer de tudo para que você pudesse escutar. Sempre que alguém mencionava um otorrinolaringologista bom, estávamos lá, no consultório, em busca de soluções.

Aos cinco anos de idade, já demonstrava habilidades de leitura e escrita, apesar de minha condição auditiva. Meus pais, desejosos de que eu pudesse experimentar o mundo sonoro, buscaram a oportunidade de realizar um Implante Coclear em Bauru. A jornada até o local da cirurgia exigiu uma viagem de mais de seis horas, uma experiência que, para mim, assemelhava-se a uma aventura de férias, algo familiar, como nossas viagens de ônibus para Pernambuco.

Entretanto, o propósito da viagem era muito mais profundo do que eu imaginava. Na época, eu não compreendia completamente a diferença entre ouvir e não ouvir, pois acreditava que todos experimentavam o mundo da mesma maneira que eu. Ao chegarmos em Bauru, fomos submetidos a uma avaliação fonoaudiológica, durante a qual os profissionais ficaram impressionados com minha capacidade de comunicação em português e Libras, mesmo sem o uso de aparelhos auditivos.

Diante dessa situação, os especialistas recomendaram aos meus pais aguardar os avanços tecnológicos antes de considerar o Implante Coclear, dado que observaram que muitas crianças submetidas ao procedimento naquela época não obtinham resultados satisfatórios. Portanto, optaram por adiar a decisão até que eu completasse aproximadamente oito anos de idade, momento em que seria reavaliada a possibilidade do Implante Coclear.

Quando finalmente me foi oferecida a oportunidade de passar pelo procedimento, recusei. Já havia experimentado aparelhos auditivos que me causavam dores de cabeça devido aos ruídos incompreensíveis que produziam, tornando-se uma experiência desconfortável. Diante dessa experiência negativa, optei por não

seguir adiante com o Implante Coclear, uma decisão que foi totalmente apoiada por meus pais. Em algumas ocasiões, meu pai expressava o desejo de economizar dinheiro para adquirir aparelhos auditivos de alta tecnologia, na esperança de que eu pudesse ouvir sua voz. Embora essa intenção tenha sido tocante, eu sempre encarei minha surdez com aceitação e serenidade.

Laços Inesperados

Em uma ocasião, meu pai, durante uma conversa casual em um bar, mencionou ter uma filha surda. Surpreendentemente, seu amigo também compartilhou que tinha uma filha com a mesma condição frequentando a Brascri, uma associação educacional especializada no ensino para crianças surdas. Essa revelação inesperada criou um vínculo único entre nossas famílias, um laço de compreensão mútua e apoio que não poderíamos ter previsto. A partir desse momento, nossos pais encontraram conforto e troca de experiências, compartilhando desafios e conquistas na jornada de criar filhas surdas.

Minha mãe encontrava grande satisfação em me levar à escola, reconhecendo seu valor para o meu desenvolvimento. Nesse ambiente, ela também via uma oportunidade valiosa de aprender Libras. Para sua surpresa, durante esse processo, descobriu que também era surda. Esse momento revelador não apenas fortaleceu nosso vínculo mãe-filha, mas também nos uniu em nossa jornada compartilhada de compreensão e aceitação da surdez. Foi um momento de descoberta e conexão que moldou profundamente nossa relação e enriqueceu nossa compreensão mútua da experiência surda.

Tive a felicidade de frequentar a Brascri por dois anos, e esses foram tempos verdadeiramente memoráveis em minha vida. Além de ser um espaço dedicado à educação e ao desenvolvimento de crianças surdas, a Brascri também se tornou um lugar onde encontrei amigos surdos como eu e compartilhei momentos que marcaram a minha infância, lembro carinhosamente os nomes de cada um. As atividades lúdicas eram uma parte essencial do nosso dia a dia, proporcionando não apenas diversão, mas também oportunidades de aprendizado e crescimento. Entre risadas e brincadeiras, eu descobri mais sobre mim mesma e o mundo ao meu redor.

Outro aspecto significativo da minha experiência na Brascri foi a oportunidade de compartilhar refeições com meus colegas e professoras. Esses momentos não eram apenas sobre alimentação; eles eram sobre conexão, comunidade e pertencimento. Sentados juntos à mesa expressávamos nossos pensamentos em Libras e construíamos laços de amizade que perduram até hoje.

Além disso, na Brascri tive a oportunidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que se tornou minha língua materna. A Libras não apenas me permitiu me comunicar de forma eficaz com meus colegas e professoras, mas também abriu portas para uma compreensão mais profunda da cultura surda e uma maior conexão com a comunidade surda como um todo.

Essa experiência na Brascri foi verdadeiramente enriquecedora e fundamental para o meu desenvolvimento como pessoa surda. Acima de tudo, ela reforçou o laço inesperado que conectou nossas famílias e enriqueceu nossa jornada comum rumo ao entendimento e à aceitação da surdez.

Memórias da Minha Infância e Alfabetização

Lembranças da minha infância frequentemente me levam de volta aos momentos preciosos dedicados à alfabetização e ao mundo mágico dos livros. Eu pensava que minha base na Língua Portuguesa começou na primeira escola para surdos, mas ao reencontrar meus amigos, percebi que eles têm apenas habilidades básicas de comunicação em português, sem domínio na leitura e na escrita. Esse contraste me levou a questionar como desenvolvi minhas próprias habilidades de leitura e escrita.

Recordo-me com carinho dos momentos em que eu me deleitava com os livros e atividades de português. Era um verdadeiro prazer manusear as páginas, explorar as histórias e desvendar os mistérios das palavras. Minha mãe desempenhou um papel fundamental nesse processo, sempre disposta e orgulhosa em me ajudar a mergulhar no mundo da leitura. Ela criava atividades para mim, transformando a aprendizagem em um passatempo empolgante e enriquecedor. Lembro-me vividamente de seus esforços dedicados, trazendo livros de diferentes gêneros e temas para eu explorar e absorver.

Além do apoio amoroso de minha mãe, meu pai também contribuía para minha jornada literária, trazendo gibis sempre que podia. E era sempre uma surpresa ganhar gibi, já que naquela época não tínhamos boas condições financeiras para comprá-los regularmente. Ter gibis era algo raro e valioso para mim.

Essas memórias da minha infância não apenas iluminam minha jornada pessoal de alfabetização, mas também destacam a importância do apoio familiar e do acesso à literatura na formação de minha identidade como leitora. Cada página virada e cada história absorvida contribuíram não apenas para o desenvolvimento da minha aquisição linguística, mas também para a expansão da minha imaginação e compreensão do mundo ao meu redor. Esses momentos preciosos na infância continuam a inspirar o gosto pela leitura e pelo aprendizado.

Entre Dois Mundos: minha jornada como a única aluna surda em uma escola regular

Após concluir a Educação Infantil, fiz a transição para o Ensino Fundamental – anos iniciais em uma escola regular em Santo Amaro, em São Paulo - SP, onde eu era a única surda em uma sala enorme com mais de 30 alunos. Uma memória que permanece vívida em minha mente é o dia em que me senti extremamente sozinha, quando a professora se esqueceu de mim.

Eu estava concentrada em responder a uma atividade, sem prestar atenção ao meu redor. De repente, percebi que a sala estava vazia, sem ninguém! A ficha caiu: era hora do recreio. Dirigi-me à porta e descobri que estava trancada! Fiquei em choque. Como poderia a professora ter se esquecido de mim?

Ela tinha o hábito de chamar os alunos pela voz, e como eu não ouvi, acabei ficando na sala sozinha. Ninguém me avisou. Olhei para a foto da turma e senti que não era bem-vinda ali. Comecei a chorar. Minha primeira experiência em uma escola de ouvintes não foi positiva.

Quando cheguei em casa, relatei o ocorrido para minha mãe, que imediatamente tomou uma atitude. Ela me transferiu para outra escola, onde fui

calorosamente recebida pela professora Yara. Nunca esqueci o nome dela, pois me acolheu tão bem, mesmo com mais de 30 alunos na sala. A professora Yara fazia questão de se comunicar diretamente comigo, garantindo que eu pudesse acompanhar o conteúdo da aula.

2002: O Ano das Mudanças

Foi um período cheio de transformações e descobertas quando dei meus primeiros passos em uma nova escola. A adaptação à sala de aula com mais de 30 alunos foi desafiadora, especialmente vindo de um ambiente onde salas de aula com no máximo 10 alunos eram a norma para garantir um aprendizado mais eficaz para estudantes surdos. Nesse contexto, as aulas são predominantemente visuais, e o excesso de alunos pode dificultar a compreensão, especialmente para aqueles que dependem da visualização dos sinais do professor.

Enquanto tentava me ajustar a esse novo ambiente, meus novos colegas se mostraram curiosos e receptivos, o que facilitou minha integração. Porém, esse período também foi marcado por uma expectativa particular: o nascimento do meu irmão Ryan. Eu secretamente esperava que ele fosse surdo como eu, mas para minha surpresa, ele nasceu ouvinte.

Cerca de seis meses depois, nossa família decidiu se aventurar em uma nova vida em Pernambuco, em busca do calor tropical, das delícias culinárias e do acolhimento familiar. A mudança trouxe consigo uma série de adaptações, desde o clima até a nova escola.

Minha mãe me matriculou em uma escola municipal em Paulista, Pernambuco, na qual enfrentei desafios inesperados devido à minha surdez. No entanto, a escola inicialmente relutou em efetuar minha matrícula devido à minha surdez, alegando não estar preparada para atender às minhas necessidades educacionais. Determinada a garantir meu direito à educação, minha mãe foi uma verdadeira defensora da minha educação, argumentando que todos deveriam ter a chance de mostrar suas habilidades antes de serem julgados.

Na minha primeira aula, a professora demonstrou uma mistura de surpresa e admiração, expressando isso ao procurar minha mãe:

- Ela sabe ler!
- Ela sabe escrever!
- Ela fala!
- Como ela é inteligente!

Esse reconhecimento da minha capacidade por parte da professora trouxe um grande alívio para minha mãe, que se sentiu tranquila ao constatar que a escola finalmente havia me acolhido, apesar dos constrangimentos iniciais. Essa experiência destaca a tendência das pessoas a subestimar as habilidades dos surdos e enfatiza a importância de desafiar esses estereótipos através da promoção de uma educação inclusiva e do reconhecimento do potencial de cada indivíduo.

Uma lembrança com meu avô nos primeiros anos morando em Pernambuco

Meu avô Álvaro tinha uma verdadeira paixão por letras bonitas; frequentemente comprava cadernos de caligrafia para mim e para minha prima, incentivando-nos a praticar. Enquanto para alguns isso poderia ser considerado um castigo ou até mesmo tedioso, para mim era um prazer. Os cadernos continham frases que não só me permitiam aprimorar minha letra, mas também tornavam o processo muito mais significativo que era praticar a leitura, a escrita e a gramática. Enquanto meu avô buscava aprimorar nossa caligrafia, para mim, o verdadeiro benefício estava no domínio da língua. Eu tinha apenas 9 anos nessa época tão agradável!

Com o tempo, aprendi a escrever cartas e, frequentemente, entregava cartas às pessoas queridas, demonstrando meu afeto ou desejando-lhes um feliz aniversário. Esses momentos de expressão e conexão tornaram-se preciosos para mim, mostrando que eu aprendia o português com facilidade, mesmo sem ouvir os sons, absorvendo-o naturalmente. Essa lembrança com meu avô, nesses primeiros anos em Pernambuco, é um tesouro que guardo com carinho em meu coração. É uma recordação não apenas de aprendizado e crescimento linguístico, mas também de amor, conexão e cuidado familiar.

Entre Dois Mundos: minha jornada como a única aluna surda em uma escola regular no Ensino Fundamental – anos finais

Em 2005, dei um passo significativo ao ingressar em uma escola estadual para iniciar o Ensino Fundamental – anos finais. O ambiente escolar era novo para mim, mas recebi um acolhimento caloroso por parte dos professores e colegas. Mesmo sendo a única aluna surda na escola, nunca me senti deslocada durante os primeiros anos.

Na 6ª série, porém, um episódio inesperado na aula de inglês trouxe um desafio adicional. O professor quase me reprova por eu não conseguir cantar a música do Titanic em inglês. Compartilhei essa experiência com minha mãe, que imediatamente questionou a razão pela qual estava sendo avaliada oralmente em inglês, considerando que minha língua materna é Libras e minha compreensão do inglês se dá principalmente pela escrita. Felizmente, o professor adaptou a avaliação para uma versão escrita, evitando que eu fosse reprovada.

Esse episódio ilustra vividamente os desafios enfrentados por muitos alunos surdos no sistema educacional, em que a falta de compreensão das necessidades específicas pode levar a situações injustas de avaliação.

Apesar dos contratempos, sempre fui uma aluna dedicada, absorvendo os conteúdos das aulas e aprofundando meus estudos em casa com o auxílio de livros, da gramática da Língua Portuguesa e do meu grande amigo, o dicionário. Essa autodisciplina me proporcionou um conhecimento sólido das matérias, apesar das dificuldades de compreensão em sala de aula. Alguns professores reconheciam meu esforço e me elogiavam como a melhor aluna da turma, devido à qualidade das minhas escritas e ao cumprimento das atividades.

Ao chegar ao Ensino Médio, as coisas se complicaram bastante. Muitas vezes, os professores simplesmente viravam as costas para mim durante as explicações, o que me deixava desanimada e sem vontade de acompanhar as aulas. Acabei

passando mais tempo nos corredores da escola com meus amigos do que dentro das salas de aula.

Mas aí entra o Wander, meu grande amigo. Ele não sabia Libras, então a gente sempre conversava em português. Surpreendentemente, eu conseguia entender tudo o que ele falava. E durante as aulas, ele fazia uma interpretação meio improvisada das palavras dos professores através da leitura labial, o que me ajudava muito!

Wander foi mais do que um amigo durante todo o Ensino Médio. Ele foi meu intérprete improvisado e nunca vou esquecer do quanto ele me apoiou nesse período! Até hoje continuamos sendo grandes amigos e sempre lembramos com carinho desses momentos em que ele meio que virava um "intérprete" na sala de aula.

No último ano do Ensino Médio, finalmente apareceu a intérprete que eu esperava há 8 anos! Infelizmente, minha expectativa foi frustrada, pois ela não era habilidosa em transmitir os conteúdos de forma clara e compreensível. Isso me desanimou profundamente. No entanto, decidi persistir, comparecendo às aulas apenas para evitar a reprovação.

No último dia do Ensino Médio, despedi-me dos meus amigos com muito carinho e, imediatamente, corri para me inscrever no curso de Pedagogia. Estava determinada a não interromper minha jornada educacional, mesmo diante dos obstáculos enfrentados anteriormente. Essa decisão refletia meu compromisso com a aprendizagem e minha paixão pelo ensino. E estava ansiosa para começar essa nova etapa da minha vida acadêmica.

Superando Desafios no Ensino Superior

Antes de me matricular, perguntei se haveria intérpretes de Libras nas aulas e a resposta foi positiva. Ao entrar na sala e encontrar a intérprete, senti uma onda de gratidão por finalmente ter acessibilidade no curso logo no primeiro dia de aula – uma oportunidade inédita para mim. Os professores e colegas foram acolhedores, o que me fez sentir bem-vinda.

No segundo período, uma disciplina de português me deixou frustrada, pois grande parte do meu aprendizado em Língua Portuguesa foi como autodidata. A falta de conhecimento, especialmente em fonemas e fonética, me deixou perdida. No entanto, decidi enfrentar o desafio. Ao me preparar para a prova final, senti desespero e a preocupação de ser reprovada. Procurei o professor em busca de orientações sobre os livros que deveria ler para me sair bem na prova. Após sua sugestão, pedi ajuda financeira a meu pai para adquirir os livros e estudei com empenho.

No dia da prova, uma intérprete formada em Letras ofereceu-se para me ajudar, percebendo minhas dificuldades. Pela primeira vez, permiti que alguém me auxiliasse nas respostas, pois sempre havia feito as atividades sozinha. Na prova, das cinco questões, decidi permitir que a intérprete respondesse a maioria delas, confiando em sua formação em Letras. Ao receber a prova corrigida, constatei que apenas minha resposta estava correta, enquanto as outras estavam erradas. Fiquei em choque ao ser reprovada pela primeira vez. Ao relatar a situação ao professor, ele simplesmente respondeu: "Você deveria confiar em si mesma, essa é sua lição". De volta para casa, senti-me triste e desolada, mas aprendi uma valiosa lição: não duvidar de minha própria capacidade. Foi um momento de crescimento pessoal e profissional.

Durante a graduação, tive a oportunidade de realizar estágios em diversas escolas, incluindo creches e instituições que atendem alunos surdos, como o Suvag e outras escolas municipais. Essas experiências práticas foram fundamentais para meu desenvolvimento profissional, permitindo-me aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula na prática do cotidiano escolar. Trabalhar com crianças surdas foi especialmente marcante, pois pude vivenciar em primeira mão os desafios e as possibilidades do ensino bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) na primeira infância.

No penúltimo período, surgiu a oportunidade de cursar Letras-Libras na UFPE, o que me deixou feliz. Cheguei a considerar trancar o curso de Pedagogia para seguir esse novo caminho, mas após refletir, decidi concluir minha graduação em Pedagogia. Minha mãe estava investindo em meu curso há três anos, e seria injusto desperdiçar esse investimento. Optei por concluir Pedagogia e planejar minha segunda graduação para o futuro.

Finalmente, concluí minha graduação em Pedagogia, uma jornada de quatro anos repleta de desafios e dedicação. Durante esse período, vivenciei inúmeras noites de estudos; além disso, cultivei amizades valiosas que enriqueceram minha experiência acadêmica, proporcionando apoio mútuo e troca de conhecimentos.

Ao término da graduação, meu anseio era dar continuidade aos estudos por meio de um programa de mestrado. Especificamente, desejava explorar a área de pesquisa voltada para o aprendizado de crianças surdas. Essa motivação foi impulsionada pelas experiências enriquecedoras que vivenciei durante meus estágios na graduação, as quais despertaram em mim o interesse em investigar mais profundamente o processo de ensino de línguas para surdos na fase da primeira infância.

Assim, encaro a pesquisa acadêmica como uma oportunidade de contribuir ativamente para o avanço da educação inclusiva e para o fortalecimento dos direitos linguísticos das pessoas surdas.

Teve um momento em que desisti da Educação ao ver as situações difíceis de lidar. O estágio mais marcante da minha vida foi numa escola municipal, em que tive a oportunidade de acompanhar dois alunos surdos numa sala regular. Percebi que um aluno não sabia ler nem copiar na lousa, mesmo estudando com a mesma professora em anos anteriores. Essa professora não percebeu que ele não sabia copiar texto na lousa. Um estudante surdo de 14 anos não saber ler nem copiar, a meu ver era um absurdo! Não aceitava aquilo, arregacei as mangas e fiz o meu papel de ensinar a copiar tarefas na lousa. Precisei arrancar as folhas do caderno até ele acertar, percebendo que precisava copiar palavra por palavra, não apenas lacunas/linhas. Ele finalmente entendeu, e comecei a ensinar Libras e Língua Portuguesa juntos, o que era muito gratificante. Eu adorava as manhãs com eles. Decidi ensinar os nomes da família, mostrando a esse aluno os nomes de sua família. Quando ele viu que o nome dele era igual ao do pai, ficou todo surpreso e feliz, pois não sabia que tinham o mesmo nome. Foi uma descoberta significativa para ele. Outro aluno tinha surdez moderada, então usei o método livre para incentivar a leitura e a escrita. Ele podia expressar o que sentia e escrever na lousa, além de compartilhar as músicas que mais gostava,

de novelas e desenhos animados. Eu filmava algumas aulas, e hoje esses registros são parte da minha experiência profissional. Essa experiência me fez acreditar que sou capaz de ser professora. Nesse mesmo ano, houve um evento em que todos deveriam ir para o auditório. Chegando lá, não consegui passar as informações para os alunos por ser surda. A empresa de estágio perguntou como estava, e informei que estava tudo bem, apenas não havia acessibilidade nos eventos, faltando um intérprete. Após esse comentário, a Secretaria da Educação não gostou e me demitiu. Eu não esperava, fiquei chocada! Pensei: quando fazemos um bom trabalho, somos excluídos! Por isso, a educação dos surdos nunca evolui... E esse aluno parou de estudar no ano seguinte na escola estadual por falta de acessibilidade e por não conseguir acompanhar os conteúdos. Isso partiu meu coração e, nesse momento, desisti da educação.

De Trabalho em Trabalho: Uma História de Mudança e Crescimento Profissional

Mudei de área e comecei a trabalhar em uma cervejaria, especificamente no setor de almoxarifado. Esse foi meu primeiro emprego com carteira assinada, e posso dizer que foi uma experiência verdadeiramente gratificante. O ambiente de trabalho era incrível, minha equipe era composta por pessoas legais que me tratavam com total igualdade, sem qualquer tipo de condescendência devido à minha surdez. Meu gestor não apenas era um colega de trabalho, mas também se tornou um amigo querido, com quem mantenho contato até hoje. Sua postura de respeito e inclusão sempre me deixou feliz, pois demonstrava claramente que minha surdez não era vista como um obstáculo para minha integração na equipe. Fui agraciada por ser tão bem acolhida logo em meu primeiro emprego, no qual eu e outros três colegas surdos trabalhávamos em diferentes setores. Uma iniciativa muito especial da cervejaria foi a oferta de cursos de Libras para os funcionários, algo que foi não só incrível, mas também muito gratificante ao ver tantas pessoas se inscrevendo e demonstrando interesse em se comunicar conosco.

Minha função consistia em receber, entregar e conferir materiais, EPIs e peças, o que me proporcionou uma experiência extremamente enriquecedora, lidando com um volume considerável de tarefas em uma empresa de grande porte. Trabalhei com

dedicação e prazer durante um ano, até que finalmente chegou o momento de tirar minhas primeiras férias, as quais foram aguardadas e celebradas com grande expectativa.

No entanto, esse ano também foi marcado pela difícil separação dos meus pais, um acontecimento que ocorreu quando eu tinha 23 anos e que afetou profundamente tanto a mim quanto ao meu irmão. Meu pai teve a ideia brilhante de viajar para São Paulo, uma sugestão que eu prontamente aceitei, pois fazia 15 anos que não ia para São Paulo. Comprei passagens para mim, para ele e para meu irmão, e juntos partimos para essa aventura.

Em São Paulo, tive a oportunidade emocionante de reencontrar a família do meu pai e minha querida amiga de infância, Amanda, com quem compartilhei tantas memórias especiais. Meu pai sugeriu que eu fosse à Brascri para reencontrar pessoas que fizeram parte da minha infância. Fiquei receosa no início, mas tomei coragem e fui. Ao chegar lá, encontrei apenas uma pessoa que conhecia; os outros profissionais haviam se mudado. Cibeles, a funcionária mais antiga da instituição, é surda e faz parte da minha vida. Foi maravilhoso revê-la!

Enquanto entrava nas salas, boas memórias surgiam. Uma professora começou a me fazer perguntas sobre minha formação. Respondi que era formada em pedagogia, mas trabalhava em outra área. Ela então perguntou se eu toparia trabalhar ali, pois estavam precisando de uma professora surda e estava difícil encontrar alguém. Aceitei imediatamente, apesar de gostar do meu trabalho na cervejaria. A professora foi informar a gestão, mas um gestor duvidou e pediu o número do meu pai para confirmar minha decisão. Passei o número e ele ligou, perguntando se eu poderia trabalhar na Brascri. A resposta do meu pai foi incrível: 'Pergunte a ela. Com 23 anos, ela sabe muito bem tomar suas próprias decisões.'

Adorei a resposta do meu pai, pois mostra que ele confia em mim e nunca duvidou das minhas escolhas! Infelizmente, muitas pessoas não acreditam que surdos têm poder de tomar decisões.

Embora tenha sido difícil me despedir do meu emprego na cervejaria e do meu estimado gestor, precisava tomar uma decisão, pois a vida me deu mais uma oportunidade de acreditar na educação.

Nessa época, conheci meu companheiro na fábrica; éramos amigos antes. Durante uma roda de conversa no almoço, todos estavam se comunicando em Libras, praticando. Notei que ele estava observando e perguntei: 'Você quer participar? Aproveita para aprender Libras também!' Ele respondeu: 'Eu não quero aprender Libras, não gosto.'

Nunca tinha recebido uma resposta assim. Muitos costumavam dizer: 'Não tenho tempo, Libras é lindo, quero aprender, mas não tenho tempo.' Ele foi direto. Tudo bem, alguns meses depois, ele me disse que aprendeu alguns sinais na faculdade. Ele começou a aprender Libras rapidamente, e começamos a namorar.

Após um mês de namoro, decidi me mudar sozinha para São Paulo. Nos primeiros meses, fiquei na casa da família.

Para mim, a transição para um novo ambiente em São Paulo representou um desafio significativo, pois estava habituada à comunicação direta com minha família e amigos em Pernambuco. No entanto, ao me deparar com a falta de familiaridade da minha família em São Paulo com a comunicação com pessoas surdas, senti-me desamparada em situações sociais.

Durante uma roda de conversa, quando expressava minha incompreensão e pedia esclarecimentos, era frequentemente confrontada com respostas evasivas como "depois eu te conto" ou "você não vai entender", o que contribuiu para uma sensação de exclusão e isolamento. Essa experiência foi particularmente desconcertante para mim, uma vez que sempre me senti integrada e participativa nas interações sociais anteriores.

Um episódio ocorreu quando, em uma conversa familiar, uma prima mencionou a presença abundante de mosquitos, ao que meu avô, em um gesto de suposta correção, afirmou que eu não saberia identificar a palavra "mosquito", pois em Recife

utiliza-se o termo “muriçoca”. Respondi assertivamente que, mesmo sendo surda, possuía plena consciência das variações linguísticas e culturais, mencionando inclusive a diferença na nomenclatura da mandioca e macaxeira entre São Paulo e Pernambuco. Meu avô teve um momento de compreensão ao perceber que as pessoas surdas não são tão limitadas quanto ele havia imaginado.

Durante meus 15 anos em Pernambuco, nunca me senti inferior ou incapaz. No entanto, ao mudar para São Paulo, comecei a experimentar esses sentimentos pela primeira vez. A decisão de viver sozinha foi um marco nesse processo de independência. Minha determinação em encontrar moradia e resolver todos os detalhes por conta própria surpreendeu minha família paterna, que não esperava essa atitude tão decidida de mim.

Os meses em que vivi sozinha foram libertadores. Desfrutar de momentos de paz, sem ser questionada sobre minha capacidade, foi revigorante. Então, alguns meses depois, meu companheiro tomou a corajosa decisão de largar tudo em Recife para se juntar a mim em São Paulo. Sua coragem em fazer essa mudança demonstra seu compromisso e amor por mim.

Apesar de relutante em aprender Libras no início, ele se viu profundamente envolvido ao se apaixonar por uma pessoa surda. Agora, ele é fluente em Libras e nossa comunicação é excelente, mostrando que o amor é capaz de superar todas as barreiras.

Trabalhei por 6 anos na Brascri, de muito aprendizado! Nesses longos 6 anos eu parei de estudar, de ler, algumas vezes pensava em me atualizar, e lembrar o meu desejo em fazer o mestrado, mas como estudar se o horário de trabalho era das 07h30 a 17h e à noite dava aula de Libras das 19h às 21h? Como estudar sem tempo livre? Pensei: mais uma vez, não é a hora certa.

No início eu trabalhava apenas na Brascri, e quando meu amigo do trabalho pediu para enviar meu currículo para vaga de Instrutora de Libras, eu não me senti preparada pois o meu interesse era educação infantil, nunca ensinei adultos. Mas aceitei o desafio: para eu ir à entrevista, um misto de indecisões... faço entrevista ou

não? até desci do ônibus para voltar para casa, pensando que não ia conseguir me apresentar, pois estava muito insegura... pensei: nunca fiz entrevista formal antes, por que não aproveitar essa oportunidade para saber como funciona entrevista? Peguei o ônibus novamente e fui até o local.

Chegando lá, vi os professores Daniel Choi, Priscilla Gaspar e Ricardo Nakasato, fiquei nervosa, mas fui em frente e fiz a entrevista. Voltei para casa feliz por ter aceitado o desafio e nem pensava em trabalhar lá, fui pela experiência da entrevista.

Em uma semana, recebi um e-mail, informando que fora aprovada para uma vaga que parecia distante demais para ser verdade. Desde 2019, tenho me dedicado apaixonadamente ao ensino de Libras. Nesse processo, surgiu a oportunidade de buscar bolsa de estudos; logo pensei: uma oportunidade para estudar mestrado! No entanto, a falta de tempo sempre foi um desafio constante, obrigando-me a escolher entre trabalhar e estudar, uma encruzilhada que me acompanhou por muito tempo.

Foi então que, em 2022, um aluno gostou do meu perfil e recomendou-me para uma vaga em um colégio renomado. Ao ser recebida para a entrevista, minha preocupação com a comunicação foi dissipada quando o diretor demonstrou apoio e expressou o desejo de ter uma professora surda ensinando Libras para impactar os alunos. Fiquei pensando: "Estou sonhando? É sério que ele pensa assim?" Essa oportunidade foi um marco, especialmente considerando as lutas da comunidade surda por reconhecimento, já que a maioria das instituições tende a escolher professores ouvintes de Libras, em vez de surdos, que são nativos da língua de sinais. Ao receber o convite de uma escola particular para lecionar Libras no Ensino Médio, entendi que essa conquista não era apenas minha, mas da comunidade surda como um todo.

A responsabilidade de ensinar duas vezes por semana tornou-se uma oportunidade perfeita para conciliar o trabalho com o sonho do mestrado, algo que almejava desde 2015.

Os primeiros semestres do mestrado foram desafiadores. Após anos afastada dos estudos acadêmicos, redescobrir o hábito da leitura e reavivar o prazer pelo aprendizado tornou-se uma jornada pessoal intensa. No entanto, ao mergulhar de

cabeça nos trabalhos, percebi que cada desafio era uma oportunidade de crescimento e autoaperfeiçoamento.

Agora, ao finalmente ingressar no mestrado, sinto que esse é o momento certo. Foram as experiências profissionais acumuladas ao longo dos anos que me prepararam para este momento único. É uma jornada que demorou, mas que finalmente chegou na hora certa, repleta de desafios, conquistas e uma profunda gratidão por todo o caminho percorrido.

ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO

[Bruna]: Olá, tudo bem?

[Carlos Alberto]: Olá, tudo bem?

[Bruna]: Eu sou a Bruna, esse é meu sinal (sinal em libras).

Estou cursando mestrado no curso de Psicologia da Educação e minha pesquisa é sobre o ingresso de surdos na faculdade e suas conquistas e dificuldades. Por isso que eu chamei você para esta entrevista, para você partilhar um pouco dessa história da sua vivência familiar, da sua vivência escolar até os dias de hoje.

Você pode dizer o seu sinal?

[Carlos Alberto]: Este é o meu sinal (sinal em libras)

[Bruna]: E sua idade?

[Carlos Alberto]: Eu vou fazer 59 anos.

[Bruna]: E você é formado em quê?

[Carlos Alberto]: Bom, minha primeira formação é em Pedagogia, depois fiz Letras Libras e depois o Mestrado.

[Bruna]: E onde você mora, onde você nasceu?

[Carlos Alberto]: Eu nasci no interior de São Paulo. Em uma cidade chamada Pontalinda.

[Bruna]: Estado de São Paulo?

[Carlos Alberto]: Aqui em São Paulo, uma cidade pequenininha, são sete horas de viagem, mais ou menos.

[Bruna]: Você pode nos contar um pouco da sua vivência, da sua trajetória familiar?

[Carlos Alberto]: Tudo bem.

Bom, é uma longa história, mas vou tentar. Então, meus pais são japoneses, nascidos no Japão. Primeiramente veio o meu pai. Ele já era grandinho, tinha 14 anos e minha mãe veio criança para o Brasil. Eles se conheceram e se casaram. Eles não passaram pela fase do namoro, e logo se casaram, porque antigamente era assim. Eles se casaram, tiveram a primeira filha, minha irmã, depois dois irmãos e eu fui o último filho. Então existe uma distância grande de idade entre os filhos; da minha irmã, que é a primeira para mim, são 12 anos de diferença.

Os três irmãos são ouvintes e eu sou o único surdo e não se sabe o motivo. Minha mãe pesquisou se tive alguma doença e nada, ou rubéola, também não houve queda e nem nenhuma questão genética. Então, até hoje eu não sei qual o motivo da minha surdez. Bom, eu nunca fiquei pensando: Ah, eu sou surdo, por que eu sou surdo? Na verdade, eu morava na roça, no interior, a casa que eu morava não era de alvenaria, era uma casa de taipa. Sabe aquela casa que usa madeira e vai preenchendo com barro? Não sei se vocês conhecem, é muito comum no Nordeste. Eu lembro até hoje como era a minha casa e também era num lugar muito isolado, muito perto da mata. Então, meu pai era caseiro e nós morávamos numa propriedade rural particular. Então eu tinha muito mais contato com animais, cachorros, peixes, com a natureza, porcos, gatos, minhocas... Eu lembro muito que quando chovia, porque a minha casa era de

chão batido... e quando chovia, lembro de entrar água e era horrível. Então eu tenho essas lembranças, essas vivências. E eu fui interagindo com a minha família.

A comunicação com meus pais era com sinais caseiros, não eram os sinais da Libras, era uma gestualidade bem caseira. Por exemplo, a minha mãe não usava o sinal da Libras de tomar banho, usava o sinal de lavar o rosto. E para dormir era o sinal de encostar no travesseiro. Então, com mais ou menos 4 anos de idade, em minha memória eu lembro dessa cicatriz, está vendo? Essa cicatriz foi uma mordida de cachorro; na verdade, ela era mais pra baixo, mas eu fui crescendo e a cicatriz foi subindo.

Eu tinha uns 4 anos e gostava tanto do cachorro que eu exagerava e o agarrava com força! Era um cachorro preto e eu vivia agarrado nele, até que uma hora o cachorro não aguentou mais e ele me mordeu no braço e não queria largar. E a cicatriz foi mudando de lugar à medida que fui crescendo, e eu tenho essa lembrança até hoje dessa situação da mordida do cachorro.

Foi com seis anos que eu fui à fono; a minha irmã mais velha me levou no colégio de freiras porque a gente morava no interior e a minha irmã me levou na fonoaudióloga nesse colégio. Foi ela que lutou para que eu frequentasse a escola, e ela se preocupava que eu não vivesse isolado... E por isso me levou para a fono. Mas eu não conseguia me comunicar, e a fono era em Campinas. E a fonoaudióloga oralizava, mas eu não entendia nada, eu usava o aparelho em meu ouvido e tinha os barulhos, e eu não conseguia acompanhar o barulho de carro, nada. Antigamente, na fono tinha aquela pista de carros e você aperta e os carrinhos andam, sabe? Ela me passava as instruções oralmente, mas eu não entendia o que eu tinha que fazer com aquele botão, que aquilo tinha barulho, não entendia. Eu fui por meses fazendo terapia fonoaudiológica e eu não entendia o que ela falava ou os barulhos, não sabia o que fazer com aquele botão. Eu apertava o botão, mexia nos objetos, mas eu não conseguia entender as instruções. E aquilo foi ficando frustrante.

[Bruna]: Você contou para a gente sobre essa história da mordida do cachorro, eu fiquei pensando se na época você não tinha contato com outras crianças da sua idade?

[Carlos Alberto]: Não, eu não tinha contato porque eu morava num lugar muito isolado.

[Bruna]: Você não saía de casa para encontrar outras crianças?

[Carlos Alberto]: Não, às vezes eu ia com a minha mãe andando na rua de terra, na casa de uma amiga. Era um lugar também muito argiloso, e o cachorro também ia junto com a gente, sempre. Quando a gente chegava lá, minha mãe conversava, eu via os meninos, mas eu não tinha contato, eles conversavam, eu único surdo, eu os ignorava.

[Bruna]: E aí você ficava só esperando.

[Carlos Alberto]: Eu ficava brincando com cachorro ali, meu cachorro preto que eu tinha, mas eu não tinha contato. Depois que minha mãe terminava a conversa e a gente voltava para a casa. E era isso que sempre acontecia.

[Bruna]: Entendi. Então, primeiro você foi à fono e depois foi para a escola, certo?

[Carlos Alberto]: Exatamente.

[Bruna]: Estava curiosa para saber sobre seu início na escola.

[Carlos Alberto]: Na escola... Na verdade... Era a minha irmã que pensava em escola, a minha irmã queria que eu fosse para uma escola que fosse internato, porque a minha família era do interior, não tinha escola próxima. Isso foi em 1972, então houve essa busca e acharam uma escola internato. E a sorte foi que encontramos uma amiga freira que era da equipe dessa escola internato que ela nos indicou, porque nós não sabíamos de nada. E eu continuei na fono por bastante tempo, não sei exatamente por quantos anos. E depois essa amiga da minha irmã que tinha esse contato nos indicou, e eu lembro que a gente foi de carro, era longe o percurso de Campinas até São Paulo, viemos até São Paulo, mas eu não sabia o que eu ia fazer ali. Eu não tinha noção.

E essa escola se chamava Instituto para Surdos. Era uma escola para surdos que tinha dormitórios. Quem morava em São Paulo, podia ir e voltar, mas eu morava no interior, eu ficava nos dormitórios, e ficava de quatro a cinco meses na escola sem ver a minha família, sem encontrar com mais ninguém. Era horrível, era horrível. O que eu passei nessa escola foi horrível e diferente de tudo que vocês podem imaginar. Eu nem sabia o que significava e não conhecia a palavra escola. Minha irmã só falava: você vai lá, você vai lá. E ia eu, ela e essa amiga que indicou a escola.

Minha irmã trouxe minhas malas e eu falava: “nossa, que malas grandes, porque será?” Quando eu cheguei no internato, e todos aqueles surdos, todos vieram para perto de mim e eu comecei a chorar. E eu vi a minha irmã chorando, despedindo de mim, a amiga dela chorando, a porta se fechando e eles me colocando para dentro. E aí eu me senti abandonado naquele momento, pensava que eu nunca mais iria encontrar minha irmã. E o portão se fechou e eu batia desesperadamente no portão.

Isso foi em 1972, 1973. Eu tinha oito anos, foi no mês de agosto. E eu ficava chorando e eu ficava olhando pelas grades. Eu vi minha irmã e a amiga e o carro indo embora e eu desesperado. E aí os surdos vieram para cima de mim e eles se aproximavam e eu não entendia o que estava acontecendo, eu era um menino do interior, eu não tinha noção, era aquele monte de gente em cima de mim. O único contato que eu tinha era com a mulher ouvinte freira e, de repente, todas aquelas crianças surdas sinalizando uma língua de sinais diferente, foi uma sensação horrível.

E aí, depois, à noite, no horário do jantar, eu vi todos os surdos, e eles não estavam felizes. Os mais velhos já estavam felizes, mas as crianças todas com um semblante de medo, todos se olhando e me olhando. E quando terminou o jantar a gente foi dormir... Eram 3 andares, na parte de baixo era a escola e o refeitório, na parte de cima o dormitório. Dormitório masculino todo no segundo andar e no terceiro andar tinha dormitório feminino, ala feminina e masculina, com crianças de dois, três anos. A divisão era feita assim, tinha a ala só dos mais velhos, por exemplo, quarta, quinta, sexta, sétima e oitava série. Como eu era novo, então eu fui para o terceiro andar... E eu me senti muito mal porque eu não via ninguém da minha família. Eu sentia falta da minha família. A funcionária que cuidava das crianças era muito violenta com as crianças. Aquilo me assustava muito, ver as crianças, meninos e meninas chorando,

apanhavam e choravam para tomar banho, e eu vendo tudo aquilo. Ela era ouvinte, não sabia a língua de sinais e ela só batia. E aquilo me assustava.

Então, ali no dormitório, nas camas estavam todos dormindo e eu lembro que tinha uma janela antiga, daquelas antigas, que sobe a persiana e abre um pouquinho você consegue ver; lá fora fica uma fresta que você olha para fora. Então, à noite vinha a luz de fora de uma frestinha da luz de fora, e eu ficava olhando na janela, imaginando que eu nunca mais encontraria a minha família. Mas eu não podia chorar. Eu não podia fazer barulho ou chorar. Eu precisava chorar baixinho, em silêncio, porque senão ia apanhar.

No dia seguinte, quando acordei senti um cheiro estranho... Alguém fez cocô na cama. A inspetora foi em cada cama, tirando a coberta das crianças. Foi horrível! Isso acontecia com meninas e também com os meninos. E esse menino que fez cocô na cama tinha três anos, e ela quando viu, esfregou o rosto dele na cama com cocô. Ao ver aquilo, eu com oito anos e a criança com três anos. Nossa, aquilo me dava pavor.

Teve uma vez que uma menininha fez xixi na cama, eu não me lembro a idade dela, mas ela usava xuxinha no cabelo. Ela fez xixi e a inspetora esfregou o rosto dela na cama com xixi. Nossa, aquilo me dava muito medo. Isso constantemente acontecia. Eventualmente uma criança ou outra fazia xixi na cama e acontecia a mesma coisa. Eu já tinha oito anos, isso nunca aconteceu comigo. Então, como eu não tive nenhum problema desse, eu fui transferido para o segundo andar, que já eram crianças da segunda, terceira e quarta série. As crianças do terceiro andar apanhavam muito e do segundo andar também porque algumas ainda faziam xixi. E também tinha a questão da luz que precisava ficar apagada, e à noite, para ir ao banheiro, a inspetora ficava dormindo ali e se ela visse acender a luz, ela também batia nas crianças. Então todo o dormitório ficava no escuro. A criança tinha que ir ao banheiro, fazer xixi no escuro e sair. Era horrível.

E de manhã, quando descia todo mundo para ir para o café, eu também não sabia como funcionava, então tinha pão com manteiga e uma caneca de chá, porque naquela época não tinha leite. Eu comecei a comer, sem saber de nada, e então o surdo do meu lado disse: “Não, não!” E batia na minha mão: “Não, não, você não pode

fazer isso.” E eu não sabia por que não podia. Eu era novo, eu não sabia as regras, mas eu percebia que eles tinham aquela feição de muito medo. E todos olhando para mim e: “não, não, não pode.” Aí veio um homem branco, de olho verde, não, de olho azul, e no momento em que ele entrou todos olharam para ele (Sinal em Libras). Ele se chamava Nan. No momento que ele entrou todos ficaram em pé imediatamente. Era para dizer: “bom dia”. E eu copieei e fiz o mesmo que os outros, então podíamos comer, eu sem entender nada, estava comendo.

E lá tínhamos seis professores. Eu me lembro de Elvira, Ana, Marieta, (sinal em Libras de 4 professores). O quinto era um homem.... não lembro o sinal, mas principalmente a minha professora era a Elvira (Sinal em Libras) e a gente fazia uma fila... Isso era horrível também, tinha um corredor que tinha todas as salas de aula. Então começava lá na frente a numeração das salas, da sala 01, em frente a 02, e assim por diante... A minha sala era a sala seis.

Eu não imaginava que era dessa forma, então eles chamavam as crianças surdas de mesma idade e iam dando número a elas. E juntavam as crianças em um mesmo grupo. Eu via aquilo e era horrível, aquela fila no corredor... E antes de entrar na sala, também não sabia o que ia acontecer; só via as crianças enfileiradas e esperando pra entrar, o professor puxando cada criança pela mão. E aí a minha professora Elvira me puxou pela mão. Eu estava ali esperando para entrar lá na sala seis e na fila; as professoras não olhavam no rosto dos alunos.

Ela pedia para o aluno dizer “bom dia” vocalizando e se ela ouvisse que a criança acertou, ela poderia entrar na sala, se a criança errasse, ela voltava para o final da fila, até dizer: “bom dia”. Então, era pela oralização sem uso da língua de sinais. Eu percebi uma outra professora que, se ela não ouvisse o “bom dia”, ela dava tapa nos alunos. Quando eu vi aquilo, fiquei assustado e apavorado. Imagine a criança chorando, saiu chorando porque levou um tapa e fiquei com muito medo. Algumas levavam tapas no rosto, outras levavam na cabeça, na nuca. Então, quem errasse ia indo para o fim da fila e apanhando e indo para o fim da fila.

Eu fui vendo aquilo e pensando que eu não era oralizado, não tinha feito fono suficiente e tive muito medo. Então a minha professora percebeu que eu era aluno

novo e me deixou entrar na sala, porque eu não sabia nada de oralização. Eu lembro que as salas de aula tinham o layout em semicírculo e não no formato escolar enfileirados uma atrás da outra, e havia um dispositivo antigo com uma haste e conectado a fones de ouvido e que era obrigatório ter 4 horas de aula com aquele fone no ouvido, não dava... ficar com aquele fone. Era um fone grande assim que tomava toda a nossa cabeça.

Tudo aquilo era novo para mim. Eu lembro de uma surda, que até hoje é minha amiga, e ela oralizava muito mal e ela sempre apanhava com régua. Antigamente as régua eram de madeira, eram régua grandes, não como as de hoje, mas antes elas serviam de palmatórias para quando a gente errasse, e eu me apavorava. Todo dia as crianças apanhavam porque oralizavam errado, dava medo. Horrível! Se elas errassem alguma coisa, às vezes batia na boca, na cabeça também. Todos nós apanhávamos.

Tinha uma outra criança surda que ela oralizava muito bem. Ela quase não apanhava, mas quem errasse, com certeza ia apanhar e tinha um menino que tinha o mesmo nome que o meu – Carlos Alberto; era uma criança que oralizava muito bem. Na verdade, ele não nasceu surdo, ele nasceu ouvinte e foi perdendo a audição a partir dos três anos e eu errava bastante, então, as crianças tiravam muito sarro da minha cara. E também essa aula de fono da professora Marieta era horrível. Na verdade, a professora Marieta dava duas aulas: uma era educação física e a outra fonoaudiologia.

Na fono era estranho, a gente recebia palitos de sorvete que iam na boca e também folhas de papel usadas na frente do rosto, que balançavam quando a gente articulava as palavras, também pote com água, nunca tinha visto aquilo, também balas, doces, entre outras coisas. E se a gente oralizasse bem, a gente ganhava um doce como recompensa. Eu não pensava nisso, mas hoje adulto, eu penso que fui treinado como cachorro, uma cobaia; na época eu não pensava nisso, eu era uma criança, só queria receber o doce. Se falássemos corretamente, ganharíamos a bala.

Eu me lembro que acontecia de oralizarmos errado e a professora segurava o rosto brutalmente e com força, e era horrível, a gente sempre errava e sempre era castigado por isso. A gente tentava copiar, mas era um esforço grande, porque não somos

ouvintes, a oralização era difícil. Tinha sons que eram mais difíceis, como os anasalados [letra N]. E a gente copiava, era como um papagaio, e de tanto copiar, alguns conseguiam por observação da movimentação da boca, alguns conseguiam escrever as palavras, como posso explicar... Sabe quando a professora escreve na lousa... como um ditado... tinha acima o carro, e abaixo “O CARRO” e a gente precisava copiar “o carro”, como se estivesse escutando aquela palavra.

Então até hoje eu tenho problema com o fonema /r/. A professora sabia disso; algumas vezes eu oralizava e levava tapa na boca por isso. Era horrível. Também já treinei com aquele método de usar o papel na frente da boca, errava e tentava de novo e eu treinava para ganhar a bala. Até que fui crescendo, mudei da sala e fui passando para outras séries, mas alguns surdos não eram aprovados por escreverem errado. Eu mudava de sala porque eu decorava muito, a minha memória era como a minha cola. As professoras não usavam nada da língua de sinais era tudo por meio da oralização e eu decorava tudo aquilo, via os movimentos de boca e escrevia, mas eu não sabia o que aquilo significava.

Uma palavra, que eu lembro de não saber o significado “CAIU”, eu não sabia. Hoje eu sei o significado, mas na época, não sabia. Por exemplo, as palavras “cair” e “caiu”, quando mudava uma letra, eu já não sabia o que significava. Eu só copiava. E assim eu fui sendo aprovado da primeira série para a segunda série. E eu continuava tentando não ser reprovado e via meus colegas sendo reprovados, porque não oralizavam bem as palavras, não decoravam.

Da minha turma, éramos em sete alunos surdos. Só eu passei para a próxima série. Seis ficaram e no ano seguinte que eles passaram para segunda, terceira, quarta, quinta série. Horrível. Então, na quarta série também, eu lembro muito que o professor passava as atividades, e era sempre cópia, era assim que funcionava, copiando. Também, as professoras passavam atividades com frases e lacunas para serem preenchidas com palavras que faltava.

Então todo dia era essa mesma atividade. Se a gente errasse, mais violência... e a gente apanhava mais. Era horrível. Outra atividade também era a de relacionar colunas, então relacionava uma coluna com a outra e se errasse apanhava também.

Qualquer errinho, apanhava mais. E riscava em caneta vermelha aquele X de errado e aquilo era horrível e dava medo. Então, eu fazia questão de decorar tudo, porque se errasse, a gente apanhava. Isso na terceira, na quarta, na quinta série, a gente apanhava.

A partir da sétima e da oitava séries, os alunos já eram maiores, então não havia tantas agressões. Eu era novo, eu tinha 14 anos, eles tinham já por volta de 20 anos e eu 14 anos. Eles todos com 20 anos, mas eu andava muito mais com eles do que com os outros da minha idade, porque eles tinham uma mentalidade de terceira série, quarta série, e eu já estava mais adiantado: como eu copiava tudo, os professores achavam que eu escrevia muito bem, porque eu conseguia copiar as letras e palavras com perfeição, mas não sabia o que elas significavam.

Na quarta série eu escrevia a palavra “conosco”, eu nem sabia o que era, mas eu copiava e aprendi a oralizar “conosco” e muito tempo depois, só depois de concluída a escola, com 19 anos, eu aprendi o significado.

[Bruna]: Nossa, que difícil essa época do oralismo, não é mesmo?

[Carlos Alberto]: Isso mesmo!

[Bruna]: Foi um sofrimento e eu fiquei curiosa para saber como foi o processo de aprendizagem e aquisição da língua de sinais para você?

[Carlos Alberto]: Foi tardio.

[Bruna]: E foi lá na Escola?

[Carlos Alberto]: Na escola eu não sabia nem o que significava ser surdo. Tinha uma comunicação mais básica por sinais e gestos.

[Bruna]: E quanto tempo você ficou nesse internato?

[Carlos Alberto]: Olha, de 1973 até 1982.

[Bruna]: E apenas pelo método de oralização. Nada de língua de sinais?

[Carlos Alberto]: Nada, nada. Só apanhando. Aprendi fora. Em 1980, não, em 1979, eu comecei a ter contato com a língua de sinais. Foi a partir dos esportes, mas na sala de aula era proibido.

[Bruna]: Então me explica como que começou seu contato com a língua de sinais?

[Carlos Alberto]: Bom, é uma história complexa. Na verdade, de 1973 até 1982 foi um período oralista, mas a gente tinha a professora Ana, que era muito bacana. Ela se sentia mal quando as crianças apanhavam, ela falava: “não bate”. A Ana não batia nada na gente, era boazinha. Ela falava que a gente precisava ser educado, ela oralizava, mas usava alguns gestos dentro da sala de aula, mas escondida, sem os outros verem.

Isso na sexta, sétima série. Todos os alunos amavam a Ana, diferente dos outros professores que eram totalmente oralistas, como a Elvira, a Marieta... com a Ana nos comunicávamos. Mas eles achavam que a Libras atrapalhava e não viam como importante. Com o tempo, depois que eu saí da escola e fui tendo contato com os meus amigos e o Carlos Alberto, aquele mesmo que estudou comigo, ele me chamava para passear, me apresentava outros surdos. Nossa, era um mundo diferente. Eu comecei a encontrar... às vezes a gente bebia, brigava e brincava.

Com 19 anos eu comecei a ir para o Instituto Santa Terezinha. Os surdos me chamaram para ir, eu não conhecia, mas eu fui. Era um domingo e eles estavam jogando vôlei, e quando eu vi aquele monte de surdo sinalizando e jogando vôlei, aquele momento ficou gravado. Estava Sílvia, o José e outros e todos os surdos ali. E eu me senti muito bem, mas não sabia me comunicar ainda. E tinha o José, que era surdo, a gente virou amigo. Ele chegava perto de mim dizia: “Você é surdo”.

Até que um dia eu fui me afastando do grupo da escola, porque era mais gostoso estar nesse outro mundo, mas eles sinalizavam diferente de mim, muito rápido e todos ao mesmo tempo e contavam piadas, conversavam. E enquanto um falava o outro estava

respondendo e eu não conseguia acompanhar, não sabia quem que tinha respondido. E os surdos diziam uma vez só, o problema era meu. Eu tinha 19 anos, mas eu pedia para repetirem, por favor, e eles: “Não, você precisa aprender a olhar e saber quem está falando”.

E depois eu fui me acostumando com aquilo. E o José, o pai dele era surdo e tinha surdos na família e me faltava fluência para comunicar com ele. Ele queria que eu falasse mais rápido, mas minha língua de sinais era lenta eu não conseguia soletrar e não conseguia compreender. Eu me sentia muito mal. Era um esforço grande para mim e ele falava assim: “Você precisa ter mais atenção, você não pode olhar para uma pessoa só. Você tem que olhar para todos os lados e também tem a soletração. Você precisa saber a soletração e em terceiro lugar, também você precisa ter uma comunicação livre, sem depender de ninguém. Você precisa se comunicar com todos”.

Antes era só eu e ele, eu só queria falar com ele. E ele falava: “Você precisa falar com todo mundo”. E era um esforço grande para mim, às vezes eu não entendia nada. E teve a situação da pizza. Nunca vou me esquecer. Eu conhecia a palavra “pizza”, eu conhecia as palavras do cardápio. Todos ficaram só esperando para ver, eu olhar o cardápio e eu tinha decorado a palavra “queijo”, mas “muçarela”, que era famosa, eu não conhecia. E eles me zoaram: “Carlos Alberto, você está na oitava série, como pode?” E a maioria deles na quarta série e eu na oitava e não sabia, eles tirando sarro de mim. Eu na oitava série e não conhecia as palavras de sabores de pizza. E dos lanches do *Mc Donald's* também não conhecia as palavras. E eu me sentia mal com isso. Eles diziam: “você tem que se esforçar”.

Na convivência com eles, em mais ou menos quatro meses, eu já conseguia ver eles sinalizando e eu conseguia pegar o diálogo entre eles. Eu conseguia entender o que eles estavam conversando e aí depois fomos para Minas Gerais em um campeonato de esportes, consegui me comunicar, depois fomos para o Rio e depois para o Paraná. Eu fui me acostumando com a língua de sinais, eu fui aprendendo a língua de sinais de uma forma natural, indo pro Rio, Minas, Rio Grande do Sul.

Então eu fui entendendo, eu fui percebendo a língua de sinais no meu corpo, eu sabia que eu tinha que trabalhar a visualidade para conseguir dar conta da comunicação.

Eu estava feliz porque a língua de sinais fazia parte de mim. Antes, eu não sabia nem o que era ser surdo ou ouvinte. Eu não conhecia esse mundo. E aí, com 19 anos eu fui entender quem eu era, e que esse mundo fazia parte de mim, a visualidade, a cultura, as piadas surdas, aí eu fui entender e aí eu me senti feliz.

[Bruna]: Bom, então você com oito anos na escola, aprendendo português, na forma escrita, também na oralização, e você acha que esse aprendizado foi real, insuficiente?

[Carlos Alberto]: Não. Eu acho que faltaram algumas coisas. Tem duas situações diferentes. Quando eram palavras que trazem significados concretos de objetos e coisas, eu decorava. Não de todas as palavras, mas algumas eu decorava. Mas quando era uma palavra que o significado era abstrato, eu sabia a palavra, mas eu não sabia o que significava.

[Bruna]: Então foram oito anos de tempo perdido na escola. Não teve nada de língua de sinais? A sua aquisição foi tardia?

[Carlos Alberto]: Assim como muitos outros surdos. Eu decorei a palavra “caiu” e não sabia o significado, nem se estava no presente, passado ou futuro. A gente via no quadro a tabela e copiava as conjugações verbais. Mas o que significava a mudança das letras da palavra? Não sabíamos.

Só com dezenove anos na interação com as outras pessoas surdas, que uma pessoa escreveu a palavra “conosco”, que eu me lembrei da grafia da palavra e entendi que significava “conosco” – nós vamos todos juntos e aí eu entendi, então significa “estar junto com as pessoas”. E aí, que eu consegui entender o significado, porque antes, lembra da história com meu colega que eu não sabia o significado de “conosco”? mas eu decorava porque eu não queria apanhar, então eu ficava com aquilo na cabeça para não esquecer como escrever essa palavra. Porque o meu colega ali do meu lado ele já apanhou várias vezes, muitas e eu apanhei menos.

[Bruna]: Então, foi na comunidade surda que você realmente começou a entender e aprender o significado das coisas.

[Carlos Alberto]: Exatamente. Foi convivendo com o José, com as piadas, metáforas, e batendo papo com surdos. Foi nessa convivência que aquelas palavras que eu aprendi na escola, foram fazendo sentido para mim, mas no uso da língua de sinais. Diferente daquelas palavras que eu só decorava e não faziam sentido. E, também, nossa, eu odiava as aulas de oralização.

Minha mãe conhecia a minha voz, os professores conheciam a minha voz, familiares conheciam minha voz. Mas ali, a partir da oitava série, quando eu fui para a rua, que nas proximidades tinha futebol e outros esportes, queria beber algo e fui para o bar, eu lembro que a gente tomava aquela Coca-Cola “KS” em garrafa de vidro, conhece?

[Bruna]: Sei, conheço.

[Carlos Alberto]: E um dia fui pedir uma Coca-Cola e a atendente não entendeu nada do que eu estava falando. E foi preciso meu primo pedir por mim. Bem, nossa, nesse momento descobri que não me conheciam, não me entendiam. Era a mesma coisa na padaria para pedir pão. Então, foi quando, eu fui à rua mesmo, interagir com outras pessoas, que eu fui entendendo. As pessoas que eu conhecia mais íntimas, entendiam a minha voz e a minha oralização. Quando eu descobri isso, fiquei indignado.

[Bruna]: Mas foram oito anos, como pode?

[Carlos Alberto]: E só quem me conhecia bem, entendia a minha voz.

[Bruna]: Você pensando que treinava tanto para não apanhar, achava que estava oralizando bem, mas não...

[Carlos Alberto]: Então, só a minha família, meu primo, e aquelas... filhas da “p...”

[Bruna]: E depois de se formar no Instituto para Surdos, como foi o encontro com a sua família? Por que você passou todo esse tempo lá na escola e depois voltou para casa? Como foi com sua família?

[Carlos Alberto]: Olha, foi horrível. Bom, antes com a minha família, desde pequeno a gente se comunicava por gestos; sempre foi assim. Mas quando eu comecei a frequentar o Instituto Santa Terezinha e eu comecei a ter contato com outras pessoas, porque antes eu só ficava em casa de segunda a sexta, e de sábado e domingo eu ia encontrar os amigos da escola, para conviver, para jogar, esportes, mas o Santa Terezinha marcou uma virada, de muito impacto! E por problemas, eu comecei a me afastar da minha família e fui indo de segunda, quarta, sexta, e às vezes de final de semana dormia na casa de amigos, e minha família foi ficando irritada com aquilo. Porque era mais gostosa a comunicação com a família do meu amigo, cujos pais também eram surdos.

Minha família eram meus amigos e não a família biológica, porque ali eu não tinha interação com ninguém. Às vezes a minha família falava uma ou outra coisa comigo, a gente assistia televisão, e naquela época não tinha legenda, isso foi há bastante tempo. Então a minha família começou a ficar muito irritada e magoada comigo. Choravam, mas eu não ligava, e saía e ficava até de madrugada, mas antigamente não tinha perigo, chegava 04h, 05h e a minha família não aceitava aquilo. Porque antes eu era dependente deles, mas eu agora podia sair e saía para todos os lugares. O tempo foi passando, então eu acabei me mudando aos 26 anos e comecei a namorar. E aí eu tive menos contato com a minha família, então eu só via eles em datas como natal, aniversário, e eu com 29 anos me afastei totalmente da minha família, e só tinha contato com a comunidade surda.

E aí foi que a comunicação em língua de sinais já fazia parte de mim. Estar com os surdos fazia parte de mim, novos amigos, isso até hoje. E a minha família era aquela mesma coisa de sempre. Nada mudou na minha família. A família era importante, mas eu não tinha comunicação com eles, eu ficava ali ocioso, então eu me sinto melhor mesmo é com os meus amigos.

[Bruna]: Com o que seus pais trabalham?

[Carlos Alberto]: O meu pai trabalha como serralheiro. É um serviço braçal, porque antes eles trabalhavam na roça com algodão. Meu pai e minha mãe trabalhavam com isso lá.

[Bruna]: Em Pontalinda?

[Carlos Alberto]: Sim, e depois mudamos para Pontes Gestal, também na roça de algodão e depois Bebedouro, e minha irmã trabalhou na loja de móveis. Como Bebedouro era uma cidade um pouco maior, aí meu pai começou a trabalhar como serralheiro, fazendo grades de casas.

[Bruna]: Conheço

[Carlos Alberto]: E minha mãe conseguiu um trabalho de costureira. E eu fui vendo eles trabalharem e em Ribeirão Preto, minha irmã estudou Direito, e eu lembro que ela lutou bastante. Ela passou na faculdade de Direito e ela foi crescendo na sua profissão, e meus pais se aposentaram.

[Bruna]: E qual sua profissão?

[Carlos Alberto]: Ah, eu comecei com 16. Eu fazia desenho.

[Bruna]: Você sabe desenhar?

[Carlos Alberto]: Não, na verdade, eu fazia cópias. Eu não criava os desenhos. Por exemplo, uma empresa me pedia, aí eles precisavam fazer. Qual o nome da palavra? Silkscreen. Sabe o que é isso?

[Bruna]: Não conheço.

[Carlos Alberto]: Então, você fazia um desenho para depois fazer a base para estampa de camiseta de esporte, de patrocínio.

[Bruna]: ah sim, conheço.

[Carlos Alberto]: Então o dono me dava o desenho e eu fazia o desenho. Só que eu precisava ampliar, mas não tinha computador, não tinha ferramenta de edição.

[Bruna]: Tinha que fazer tudo manualmente.

[Carlos Alberto]: Sim, tudo manualmente. Às vezes eu fazia um tamanho maior e precisava que fosse menor. E eu desenhava de novo e de novo até que ficasse no tamanho certo. Para depois ir para estamperia da camiseta. Eu não sei o tempo, mas logo eu deixei o trabalho e fui para o [supermercado] Pão de Açúcar. Eu fui trabalhar no escritório no Pão de Açúcar, mas não era meu perfil.

Uma pessoa chamada Luzia, conhece?

[Bruna]: Conheço sim.

[Carlos Alberto]: Então, ela, em 1984, ela me chamou e inicialmente pensei “não”, mas o José me incentivou a trabalhar com ela. E a Luzia sempre dizia que precisava ter professor surdo. Eu falava: “Não, nunca vi professor surdo”.

Nossa, tem muita história com a Luzia. E ela dizia: “A gente precisa ter professor surdo em Libras”. Eu via aquilo e pensava: “Mas gente, eu nunca vi. Eu sei que ouvintes dão aula, mas surdos?” E ela e o José me influenciaram. Então eu fui trabalhar numa escola pequena, ADEFAP – Centro de Recursos em Deficiência Múltipla, Surdocegueira e Deficiência Visual [sinal em libras].

[Bruna]: AD, o que?

[Carlos Alberto]: ADEFAP

[Bruna]: Então antes você nunca tinha tido professor surdo, somente ouvinte.

[Carlos Alberto]: Não... só ouvinte, só professores ouvintes. E curso de Libras também não.

[Bruna]: Entendi.

[Bruna]: Então me conta como que você se tornou professor?

[Carlos Alberto]: ADEFAB era uma escola bem pequena que trabalhava com estimulação e atendimento de crianças com deficiência intelectual, pessoas que não eram cegas, mas com baixa visão, surdos que tinham algum tipo de atraso. Então eu trabalhava com estimulação e não tinha língua de sinais, não tinha pessoas surdas sinalizantes. Os alunos tinham entre 14, 15 anos e não tinham língua de sinais. Então a responsável da ADEFAB, Ana Maria, ela era uma pessoa muito bacana. Ela não conhecia a língua de sinais e assistiu uma palestra da Luzia e se sentiu tocada. Eu foi aí que tive contato com ela e foi por intermédio da Luzia que eu fui para lá. Mas eu dizia: “Eu? Mas não tenho formação específica para isso.” Ela falava: “Vai, você não tem formação, não tem problema, mas você vai tentar ser professor.” Então a Luzia me orientava. Eu trabalhava ainda em dois empregos, na ADEFAB à noite e sábado pela manhã, e no Pão de Açúcar em horário comercial.

E eu fui dando aula..., mas eu cometia muitas falhas didáticas. E a Luzia falava: “Pesquisa como dar aula”. Mas eu não sabia como pesquisar. Era 1987, não tinha computador, não tinha como pesquisar. Por sorte, conheci professores amigos da Luzia que vieram da Dinamarca e dos Estados Unidos e eles me viram ensinando, usando as palavras para ensinar os sinais. E a professora surda falava: “Nossa, você usa palavras?”. E a Luzia dizia: “Não, não é nada disso. Não é para usar a palavra para ensinar sinais”. E então eu tinha essas duas pessoas, uma ouvinte e uma surda, me orientando, e faltava pesquisa sobre didática do ensino.

E a pessoa que veio da Dinamarca me viu dando a aula, e depois que eu terminei a aula e ela disse: “Desculpa, mas sua aula não é boa”. Ela foi muito direta e eu realmente não sabia. Perguntei: “Como você ensina?” Eu pensava que ela ensinava igual a mim, mas ela não usava palavras da língua oral, mas eu não me percebia. Então, outra pessoa surda dos Estados Unidos também falou: “Essa sua aula não foi boa”. Mas me faltava conhecimento.

Veja, isso foi em 1987. Então eu continuei dando aulas na ADEFrav e eu não trabalhava com uma equipe, não tinha uma equipe. Todos os professores eram ouvintes que pensavam diferente de mim. Sorte que essa professora da Dinamarca me apresentou a Maria Cecília Moura e começou a trabalhar na ADEFrav. E depois Ana Claudia Lodi também me foi apresentada. Eu não as conhecia. Eu não as tinha visto pessoalmente, mas conhecia de nome, já tinham me falado, e diziam que Luzia tinha tido uma discussão, tinha divergência entre elas, que uma era a favor do bilinguismo e a outra era a favor do português e da Comunicação Total, mas eu não sabia quem era quem. E quando ela entrou para trabalhar, eu pensava: essa pessoa que não aceitava a língua de sinais, e era a favor da Comunicação Total. Quando ela entrou achei estranho ela usar a língua de sinais. Com o tempo... ah desculpe, isso foi antes de 1991, que daí eu deixei o Pão de Açúcar, continuei trabalhando na ADEFrav, e depois entrei na DERDIC junto com o trabalho da ADEFrav.

Mas também tinha conflito de metodologia de palavra para ensinar sinal, como foi no começo da ADEFrav, e se discutia muito, porque eu ficava angustiado, mas sorte que eu tive esse contato com essa pessoa da Dinamarca. Mas ela dizia: “você precisa ir para a Dinamarca, não adianta ficar só te explicando”. Mas eu não tinha condições financeiras, na época a moeda era o Cruzado, não era o Real. Eu já estava na DERDIC ensinando aquele método, que era um método mais voltado para ouvintes. E aí as pessoas diziam: “Ah, mas o Carlos Alberto não tem formação pedagógica para dar aula, numa escola de surdos.” Na época essa era uma polemica terrível.

Na DERDIC as pessoas achavam que eu não sabia ensinar, que eu não entendia nada, ficavam questionando o meu lugar de professor ali e eu precisava usar outras estratégias para dar as minhas aulas, eu usava vídeos em VHS, livros... Isso em 1991, como era difícil... Então, eu fui me comunicando por carta com o pessoal da Dinamarca, eu ficava ansioso para receber as respostas e ela dizia: “Vem para Dinamarca, você tem que vir pessoalmente.”

E então ela me disse: “Bom, as passagens você paga, a hospedagem, o almoço, a gente garante, mas o jantar, você que também vai pagar”. Por sorte o Brasil estava mudando a sua moeda para o Plano Real e foi possível viajar para a Dinamarca e, quando cheguei lá, vocês acham que eu já fui visitar a escola? Não, a escola não me

aceitou assim de pronto, disseram que eu tinha que fazer um curso de língua de sinais da Dinamarca, e eu pensei: “mas pra que isso?”

Então me explicaram que na sala de aula com as crianças, não teria intérprete e eu não ia entender; eu precisaria olhar e entender a comunicação entre professores e alunos. Ah, que frustrante, mas... eu fui para o curso de língua de sinais dinamarquesa. Era um curso intensivo; era o dia inteiro em aula e quando eles viram que eu tinha capacidade de fazer as visitas nas escolas, me deram um cronograma para eu seguir e já tinha terminado o curso. Eu fiquei muito curioso de entender como é que as crianças surdas aprendiam lá naquele lugar.

No primeiro momento que eu entrei, já fiquei completamente emocionado com aquela didática. Aquilo me tocou profundamente. Então eu entendi que era isso que eu precisava. E na DERDIC o método era completamente diferente e aquilo me tocou; também lá no curso de Língua de Sinais, quando eu vi a metodologia, pensei: “bem que as professoras dinamarquesa e americana tinham me falado que era de outra forma, que não se utiliza a palavra como método para depois sinalizar que a gente já deve ensinar a língua de sinais direto.

Eu cursei alguns módulos, tinha feito 01, 02, 03, 04, na verdade fui até o 06. Dali para frente não consegui mais fazer outros módulos. Eu fiquei um mês e meio na Dinamarca, precisei voltar, mas tudo aquilo me deixou profundamente tocado pela didática e eu fiquei totalmente feliz. Virou uma chave na minha cabeça para a forma que eu ia trabalhar como professor, e então antes... desculpa, cortei parte da história... Será que posso voltar numa outra história que eu queria contar?

Então vou voltar a uma história que eu lembrei aqui que é muito importante, em 1987. Horrível uma fofoca que aconteceu. Lembra que eu falei que estava ali na ADEFAP e começou uma fofoca dizendo que o Carlos Alberto não ensinava língua de sinais e o professor Carlos Alberto ensinava mímica. Então teve esse falatório. Na ADEFAP eles diziam que era língua de sinais, mas os surdos diziam: “Não, isso parece mais mímica do que língua de sinais. E isso em 1987, então, e com essa conversa, esse falatório, ficaram chocados por haver professor surdo. Quando encontrava com surdos nas festas de aniversário, nas festas juninas, as pessoas me chamavam e diziam: “Você

é professor de língua de sinais?” “Não, na verdade você oraliza.” E tinha muitos desentendimentos, muitas discussões. Tiveram duas pessoas que brigaram comigo depois, elas até se tornaram professoras. Não entendi. Mas quase brigaram comigo.

Dois anos depois outras pessoas também foram contra o surdo ser professor, questionavam um surdo poder ensinar língua de sinais e não pode só oralizar? E teve essa briga, essa discussão. Depois também nas festas juninas do Santa Terezinha, as pessoas me questionavam demais e diziam que eu não tinha nada a ver com a parte de ensino de língua de sinais, que deveriam ser professores ouvintes. E hoje todas essas pessoas que eram contra mim na época, contra eu ser um professor surdo, hoje elas são professoras. É verdade isso que eu estou dizendo, então não posso te dar nomes, mas todos são professores.

Então, voltando na Dinamarca, e de como aquilo foi impactante e quando eu voltei para o Brasil, eu passei para os outros professores tudo o que eu tinha visto lá e ninguém concordou comigo. Eles diziam: “a apostila, a teoria didática, diz outra coisa”. E tínhamos discussões ferrenhas e eu dizia que precisaria usar, os VHS em vídeo, assim como na Dinamarca, que já era tudo legendado. Aqui os vídeos de histórias infantis, nada tinha legenda. Usavam materiais de ouvintes para crianças surdas. Então eu colocava ali o vídeo em VHS e sinalizava; as crianças se sentavam em roda, e eu sinalizava porque só com o vídeo eles não entendiam. Se só mostrasse uma apostila também, eles não entendiam e eu sinalizava e pedia para eles recontarem aquilo que eles entenderam. Para que eles aprendessem, essa era a didática.

Então, nessa viagem que eu contei para eles o que eu vi e aprendi lá. Eu expliquei para os professores como era a didática lá. Mas a maioria dos professores não concordou também. E havia uma discussão muito forte na DERDIC de que o professor Carlos Alberto precisaria de uma formação em pedagogia.

Então, em 2002, eu aceitei e entrei no curso de pedagogia da PUC. E quando eu vi a didática que era ensinado na sala de aula do curso de Pedagogia, era exatamente a didática que a gente trabalhava na DERDIC. Questionei o professor sobre a didática para crianças surdas. Ele disse: “Ah, não sei”, e eu fiquei pensando como eu vou

trabalhar a música para crianças surdas, que é uma estratégia muito usada pela pedagogia.

Outras professoras que também estavam ali estudando para trabalhar com inclusão e concordaram que essa didática não era acessível para crianças surdas, fora outras práticas que eram ensinadas lá e não eram acessíveis para as crianças cegas. E então era a mesma didática que era ensinada lá na DERDIC. E eu tive muitas discussões com os professores. Por conta das minhas opiniões tive notas baixas. E eram muitas discussões. Mas não era só eu, nós éramos em seis surdos. Tinha dois surdos que aceitavam essas opiniões, e quatro de nós discutíamos com os professores, não concordávamos. Depois de dois anos, a professora de didática que chegou concordou com as nossas discussões. Três anos depois, iniciamos as discussões sobre o atendimento psicológico para pessoas surdas.

Diziam que não era possível fazer esse atendimento e perguntei: “Como assim não pode?” “Porque surdos não podem receber atendimento?” E o questionamento foi porque com o uso do divã, o psicólogo fica atrás da pessoa que está sendo atendida falando e o surdo não ia escutar. Mas como assim? Era só mudar a configuração da sala e a professora dizia: “Não pode mudar a configuração da sala para atender um surdo.” Elas não conseguiam adaptar, pensar uma estratégia. A gente não pode trocar o divã e a poltrona de lugar?

Em 2001, fui a um congresso nos Estados Unidos, assisti uma palestra de uma psicóloga e eu fiz esse mesmo questionamento. Eu estava com um amigo surdo brasileiro e ela respondeu: “Claro, é só trocar os móveis”. É simples, o ouvinte continua utilizando o divã e o surdo fica de frente em uma poltrona, já que é visual.

Uma coisa tão simples e a pedagogia fica presa a teorias antigas. Não pode fazer adaptações? Ela é tão tradicional dessa forma? E eu sou assim, como professor eu questiono mesmo. Eu não vou ficar simplesmente aceitando algo que eu posso mudar, então a teoria fala isso, mas eu vou verificar na prática se dá certo e se não dá, eu posso fazer as adaptações, principalmente para crianças surdas que são visuais. Mas esse é um processo demorado, e de lá para cá não aconteceu quase nada, mudou tão pouco. Imagina no Brasil todo.

[Bruna]: Uma coisa que você disse, que antigamente os próprios surdos não acreditavam que nós pessoas surdas éramos capazes de dar aula, que os ouvintes tinham mais capacidade de ensinar os alunos, que os surdos eram passivos. Mas você revolucionou isso no passado. Você também questionou o método e mostrou a necessidade da mudança. Como é que isso aconteceu? E também, eu queria saber... você se formou em pedagogia e depois mestrado, por que você viu a necessidade do mestrado?

[Carlos Alberto]: Então são três questões. Ok, você me fez três perguntas.

Então, respondendo a primeira, antigamente, os surdos trabalhavam em chão de fábrica, no supermercado, pintura. Eles não tinham um trabalho considerado mais intelectual. Enquanto os ouvintes tinham profissões como médicos, professores, os surdos tinham cargos mais inferiores. Na verdade, porque os surdos não tinham formação nessa época, eram pouquíssimos, a maioria não tinha formação. E aí, ao ser professor, isso foi revolucionário.

E os professores naquela época não eram surdos. Os surdos acompanhavam o que os ouvintes faziam. Então, se os ouvintes falavam: “tem que oralizar”, então a gente tem que oralizar, ou a necessidade de aprender o português para poder estar na sociedade. A língua de sinais não era importante. Então, essa foi uma luta mesmo. Isso foi impactando a nossa vida até que as coisas foram melhorando. Mas a gente sabe que não estamos 100% ainda. Alguns professores surdos ainda têm um resquício disso de usar a palavra para ensinar os sinais.

Eu vejo no Instagram algumas coisas. Parece que nada mudou, está igual. Parece que isso não acaba. De 1987 até hoje 2024, eu vejo a mesma coisa. Então isso nos leva para a segunda questão, que os surdos não sabem sobre o que é a didática do ensino de Libras.

Precisa entender a diferença cultural do ensino para ouvintes e do ensino para surdos. Para surdos, precisa adaptar e usar materiais visuais, materiais didáticos diferentes. Na primeira vez que eu recebi aquele material didático de ouvintes, em 1991, quando

eu fui usar esse material em aula com surdos, percebi que eles não entendiam nada. Dentro da didática são vários elementos. Por exemplo, as estratégias... Por exemplo, surdos ou ouvintes, pensam que para cada sinal tem uma palavra específica correspondente, temos que evitar isso.

Então, pensando em uma história que aconteceu aqui na escola, uma menina superinteligente e ela ficou como que traumatizada, porque nós colocávamos os vídeos, que eram sem legendas, e eu interpretava para língua de sinais e depois que o vídeo acabava, eu pedia para elas me contarem sobre o vídeo. Mas eu não percebia, isso em 1991, eu não percebia o que eu dizia para ela “fala, fala para mim”, e ela dizia que não, mas eu insistia: “fala, fala”. Eu não percebia que estava usando o sinal de “falar”, eu pedia que ela falasse e ela ficava assustada. Depois, com o passar do tempo quando eu pedia que me contasse em língua de sinais, ela aceitava me contar. Então, ela imaginava que ela precisaria falar e aquilo a deixava assustada. Percebe? Uma garota de seis anos, e ela ficava assustada com aquela situação. E eu também tinha que mudar a minha forma de me comunicar com as crianças e usar o sinal. Imaginem, isso vem desse método de usar as palavras. Isso tem a ver com a gente usar a mesma metodologia de palavras, e também com a nossa didática de pensar em sentidos e não podemos só repetir os mesmos modelos. Precisamos mudar e pensar estratégias visuais, e também olhar para as crianças surdas, e pensar em que forma que eu vou me comunicar com essas crianças? E aí, a partir das crianças, eu vou pensar o método. Eu não posso simplesmente usar o mesmo método com todas as crianças, isso não dá certo. E pensando na pedagogia que vinha dizer para mim para trabalhar com música, com surdos, para surdos isso não faz sentido.

Eu lembro de vezes em sala de aula, com intérprete, e o professor apaga a luz por conta de um vídeo com tudo no escuro, como que faz a interpretação? E o professor pede para se sentar perto da porta porque tem luz, mas ficava longe do vídeo. Isso não faz sentido. Porque essa metodologia é que está inadequada. É preciso que seja uma metodologia para surdos, e também precisamos de uma metodologia para pessoas com deficiência mental, para cada especificidade. Não é um modelo para todos. Na teoria pode ser geral, mas na prática isso não funciona, esse é o problema. Certo? É importante que haja mudanças contínuas, sempre, ano a ano.

E à medida que essas mudanças vão acontecendo, que a gente vá revisitando-as. Mas a gente tem as mesmas metodologias e o mesmo pensamento até hoje, em 2024. É preciso mudar, pois a tecnologia também mudou, as pessoas mudam. Os surdos, na verdade surdos e ouvintes, diminuíram o brincar, hoje a maioria usa o jogo.

O jogo pode ser uma estratégia metodológica. Antes quando não existiam os jogos, preparávamos outro tipo de material, hoje que o brincar foi diminuindo, podemos usar o jogo como uma estratégia e não adianta só cortar ou proibir o jogo, temos que acompanhar essas mudanças e usar como método. Da mesma forma os surdos, os ouvintes, pessoas com deficiência mental, todos mudam. Ok?

E por último, sobre a minha formação no mestrado... Nossa, no começo foi complicado porque eu tinha o conhecimento básico e depois eu me ferrei, porque a minha temática de mestrado... Envolvia conteúdo sobre surdez e cultura surda. E eu pesquisava, mas eu não achava a bibliografia condizente com o que eu queria discutir e o que eu encontrava não fazia sentido e eu precisava de algo relacionado com a realidade, com a prática e com a vivência e a teoria que eu estava estudando ia no sentido contrário da prática. E a minha orientadora falava: “é melhor você pesquisar outro assunto”. Mas eu fui persistente. Só porque ela mandou, eu mudo meu tema e sigo fazendo mais do mesmo? Desculpe, não ia mudar. A gente discutia, ela me orientava a mudar e eu persistia. Ela perguntava: “mas como vai fazer?” E eu disse: “tem pesquisa nos Estados Unidos, tem na Inglaterra, eu vou ter que pagar a tradução.”

Ela aceitou e eu encontrei na Inglaterra, nos Estados Unidos e ela se calou, mas ela não conhecia bem sobre essas bibliografias, que eram sobre o currículo para surdos e cultura surda, ela não conhecia bem esses assuntos. Ela entendia e conhecia sobre currículo no geral. Mas e a prática? Ela não conhecia sobre cultura surda. Ela não conhecia sobre ser surdo, nem sobre as adaptações que precisam ser feitas. Então eu fui fazer entrevista com pessoas surdas falando sobre currículo e eu percebi nas entrevistas que eles utilizavam o mesmo currículo utilizado com crianças ouvintes.

Então, na verdade, os quatro entrevistados usavam o currículo com os mesmos conteúdos de ouvintes e eu perguntava sobre as adaptações e eles não faziam. Seguem o que está na BNCC. E eu não podia falar ou sugerir nada porque eu estava

só coletando dados. Eles precisam mudar. Imagine, eu no mestrado ali, pensando que é preciso uma expansão de consciência, algo novo, uma pesquisa de mestrado pode impactar a vida das pessoas, as descobertas.

Mas o problema é que há uma dificuldade de encontrar referências bibliográficas. Tem artigos de modo geral sobre currículos, sobre educação de surdos, mas verdadeiramente sobre como é o currículo para surdos, não tem. É sorte que eu encontrei a literatura estrangeira e consegui trazer no meu trabalho, então futuramente vocês vão ver os resultados da minha pesquisa no currículo para surdos futuramente. E eu peço licença agora para falar com os professores surdos, com todos os professores, porque eles precisam mudar o seu posicionamento, o olhar para a cultura, não podem simplesmente aplicar os métodos que são para ouvintes na sala de aula com surdos. Precisamos mudar e pensar na cultura, na visualidade, na identidade, nas vivências e trazer a cultura surda. Assim eu espero sinceramente.

[Bruna]: Que interessante tudo isso que você comentou sobre o currículo e sobre a importância de a gente não incorporar os métodos que são para ouvintes, de a gente ter nossas pesquisas de autores surdos por conta dessa dificuldade de encontrar bibliografias.

[Carlos Alberto]: Verdade.

[Bruna]: Parece que estamos ainda dependendo de métodos para ouvintes, mas não. Então, obrigada por você ser essa referência e por compartilhar sua história com a gente.

[Carlos Alberto]: Eu também agradeço pela entrevista, é muito importante darmos publicidade à pesquisa para que mude realmente essa realidade.

[Bruna]: E a gente não vai ficar na mesma, vamos seguir crescendo.

[Carlos Alberto]: Muito bem, obrigado.

ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

1. Nasceu uma criança surda na família!

A descoberta da surdez em uma criança é um momento de impacto e impõe a adoção de adaptação para qualquer família, como mostram as histórias de Bruna e Carlos Alberto. Ambas revelam as dificuldades iniciais, as dúvidas, e como o acolhimento familiar foi essencial para suas trajetórias.

Bruna:

No caso de Bruna, os primeiros sinais de surdez foram percebidos por sua mãe durante o primeiro ano de vida. A menina não reagia a sons como o barulho de panelas caindo e não respondia a estímulos auditivos, mesmo quando a mãe batia palmas por trás dela. Apesar das suspeitas, o primeiro médico consultado descartou a possibilidade de surdez, atribuindo a preocupação à inexperiência de uma mãe jovem. Persistente, a mãe buscou uma segunda opinião após sua avó materna também notar sinais. Um exame de BERA confirmou a surdez de Bruna, atribuída possivelmente à rubéola contraída durante a gravidez.

A notícia trouxe sentimentos de choque e surpresa, mas logo deu lugar à aceitação e determinação. A mãe de Bruna revelou:

"Eu me senti uma leoa, o meu amor por você me faria enfrentar tudo e qualquer obstáculo." Já o pai inicialmente resistiu à ideia da surdez e cogitou soluções como o implante coclear, mas gradualmente aceitou a condição da filha, demonstrando apoio incondicional.

Carlos Alberto:

Carlos Alberto também foi o único surdo em sua família, composta por três irmãos ouvintes. A origem de sua surdez permanece desconhecida, já que sua mãe não contraiu doenças durante a gravidez nem houve fatores genéticos ou ambientais aparentes. Sua infância foi marcada por uma vida simples na zona rural, em uma casa de taipa, cercada pela natureza e isolada da convivência com outras crianças.

A comunicação inicial com a família era feita por sinais caseiros, improvisados para o dia a dia, como gestos para "dormir" ou "comer". Aos seis anos, sua irmã mais velha, preocupada com o isolamento de Carlos, levou-o a uma fonoaudióloga. Ele passou

meses em terapias que buscavam a oralização, mas sem sucesso, já que os sons não faziam sentido para ele.

Carlos relembra essa fase como uma experiência frustrante e solitária, mas que começou a mudar quando ele entrou em contato com a comunidade surda e a Libras na adolescência.

Reflexão:

Nas histórias de Bruna e Carlos Alberto, a aceitação familiar foi um ponto chave para lidar com a surdez. Enquanto Bruna teve pais determinados a entender sua condição desde cedo, Carlos contou com o esforço de sua irmã para integrá-lo à sociedade. Esses relatos mostram como o acolhimento e o amor podem transformar desafios em caminhos de superação.

2. A criança surda vai para a escola

A entrada na escola é um marco importante na vida de qualquer criança, mas para crianças surdas, como Bruna e Carlos Alberto, esse momento trouxe desafios e experiências únicas.

Bruna:

Bruna ingressou em uma escola dedicada à educação de crianças surdas, a Brascri. Esse foi um período de grande aprendizado e acolhimento para ela. Sua mãe valorizava o ambiente escolar não apenas como um espaço para o desenvolvimento de Bruna, mas também como uma oportunidade para aprender Libras e fortalecer a comunicação entre ambas. Foi nessa fase que sua mãe descobriu também ser surda, um momento que intensificou ainda mais os laços entre elas.

Bruna relembra com carinho a experiência na Brascri, onde encontrou amigos surdos, participou de atividades lúdicas e compartilhou refeições que não apenas alimentavam o corpo, mas também reforçavam conexões e pertencimento. Foi ali que ela começou a aprender Libras, que se tornou sua língua materna e abriu portas para sua compreensão da cultura surda e para a construção de sua identidade.

Carlos Alberto:

A entrada de Carlos Alberto na escola aconteceu devido à dificuldade de acesso à educação numa cidade do interior, onde ele vivia em uma área rural isolada. Aos seis anos, sua irmã conseguiu levá-lo a uma fonoaudióloga em um colégio de freiras, mas as terapias baseadas na oralização foram frustrantes para ele, pois os sons e comandos não faziam sentido.

Mais tarde, aos oito anos, Carlos foi matriculado em um internato para crianças surdas. Embora tivesse uma estrutura escolar, o ambiente era extremamente rígido e adotava o método oralista, proibindo o uso de língua de sinais. Ele passou anos decorando palavras e sons sem entender seus significados, apenas para evitar punições. Carlos descreve essa fase como marcada por isolamento, saudade da família e violência institucional, em que castigos físicos eram comuns.

Foi somente fora desse ambiente escolar que Carlos começou a descobrir a língua de sinais e a comunidade surda, o que o ajudou a ressignificar sua identidade e a superar parte dos traumas vividos.

Reflexão:

As experiências de Bruna e Carlos Alberto mostram os contrastes nos métodos de ensino e acolhimento para crianças surdas. Enquanto Bruna encontrou um ambiente que valorizava a Libras desde o início, Carlos enfrentou um sistema educacional que priorizava a oralização, muitas vezes à custa do bem-estar emocional e do desenvolvimento linguístico. Ambas as histórias destacam a importância de ambientes escolares acessíveis e que respeitem a identidade surda. A comparação entre as duas experiências também mostra que “métodos” que se utilizam de violência não propiciam aprendizagem e bloqueiam as possibilidades de desenvolvimento de educandos. Essa conclusão não é apenas válida para educandos surdos, com deficiências ou transtornos, mas é um princípio pedagógico universal.

3. O percurso na Educação Básica: da Educação Infantil ao Ensino Médio

As trajetórias de Bruna e Carlos Alberto na Educação Básica revelam como diferentes abordagens educacionais podem determinar o desenvolvimento acadêmico e pessoal de crianças surdas.

Bruna:

Após os dois anos na Brascri, Bruna fez a transição para escolas regulares. Essa mudança trouxe novos desafios, especialmente pela falta de acessibilidade. Na primeira escola regular que frequentou, um episódio de esquecimento marcou profundamente sua experiência. Certo dia, a professora chamou os alunos pelo nome para sair da sala, mas Bruna, por não ouvir, ficou para trás e acabou trancada na sala de aula. "Olhei para a foto da turma e senti que não era bem-vinda ali", relembra.

Após esse incidente, sua mãe decidiu transferi-la para outra escola, onde encontrou acolhimento com a professora Yara, que se esforçava para garantir que Bruna acompanhasse as aulas. Ainda assim, o ensino em escolas regulares exigia um esforço extra, pois Bruna precisava se adaptar a um ambiente onde poucos professores e colegas compreendiam sua condição. Tratava-se, portanto, de um processo de integração e não de inclusão, contando apenas com atitudes individuais de educadoras, mas não com um Projeto Político-pedagógico inclusivo.

Ao longo do Ensino Fundamental, Bruna enfrentou o desafio de aprender em classes com mais de 20 alunos, mas destacou-se em disciplinas visuais. Durante o Ensino Médio, a presença de um amigo, Wander, que improvisava uma interpretação das aulas em português, foi crucial para sua compreensão dos conteúdos. Porém, só no último ano, Bruna teve acesso a uma intérprete de Libras – que, infelizmente, não tinha uma formação adequada para interpretar conteúdos acadêmicos, deixando-a desanimada com as aulas.

Carlos Alberto:

O percurso de Carlos Alberto na Educação Básica foi marcado por um longo período em um internato que utilizava o método oralista e adotava práticas punitivas, físicas e psicológicas, recorrentes. Ele relembra como a prática de decorar palavras sem compreendê-las prejudicou seu desenvolvimento linguístico: "Eu copiava tudo, mas não sabia o significado. Passei anos decorando palavras como 'conosco', sem entender o que significavam", relatou.

Na escola, o uso de língua de sinais era proibido e as punições para quem não conseguisse oralizar corretamente eram severas. Apesar disso, Carlos utilizava sua memória para decorar palavras e frases, o que o ajudou a avançar de série enquanto muitos colegas eram reprovados. Carlos só começou a ter contato com a comunidade

surda fora da escola, o que mudou sua percepção de si mesmo. Ele começou a frequentar eventos esportivos organizados por surdos, nos quais a língua de sinais era utilizada livremente. Esse contato permitiu que Carlos, pela primeira vez, entendesse o significado das palavras que antes apenas decorava, além de fortalecer sua identidade surda.

Reflexão:

As histórias de Bruna e Carlos Alberto ilustram os inúmeros desafios enfrentados por estudantes surdos na Educação Básica, especialmente em escolas que não oferecem acessibilidade adequada ou que ainda utilizam métodos educacionais inadequados, como o oralismo. Apesar das dificuldades, Bruna conseguiu se destacar, superando as limitações de um sistema educacional que, mesmo com alguns avanços, como a presença de intérpretes de Libras não fluentes, ainda não oferecia o suporte necessário para atender plenamente às especificidades dos estudantes surdos. Já Carlos Alberto, como afirma Skliar: “O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir do baú que guarda os adornos que faltam ao personagem” (Skliar, 1998, p. 54).

Foi apenas ao ter contato com a comunidade surda que Carlos começou a compreender (e aceitar) sua identidade e superar os traumas causados pelo método oralista e pela escola punitiva. Diferentemente de Bruna, que teve apoio familiar e acesso à língua de sinais desde cedo, Carlos precisou enfrentar um percurso mais solitário até encontrar na comunidade surda o espaço de acolhimento e pertencimento que transformou sua percepção de si mesmo.

4. A entrada e o percurso no ensino superior

O ingresso e a trajetória no ensino superior são marcos importantes na vida de qualquer estudante, mas, para pessoas surdas essas etapas frequentemente vêm acompanhadas de desafios adicionais relacionados à acessibilidade e à inclusão. As histórias de Bruna e Carlos Alberto refletem essas dificuldades, mas também mostram como eles superaram barreiras para alcançar suas conquistas acadêmicas.

Bruna:

Desde o último ano do Ensino Médio, Bruna já demonstrava determinação para continuar seus estudos, inscrevendo-se imediatamente no curso de Pedagogia. Antes de se matricular, ela buscou saber se haveria intérpretes de Libras disponíveis nas aulas, e a confirmação de que teria esse suporte foi decisiva para sua escolha.

Apesar do acolhimento inicial, Bruna enfrentou dificuldades específicas em disciplinas como português, especialmente devido à falta de conhecimento de fonemas e fonética. Em um momento marcante, ao se preparar para uma prova final, ela contou com a ajuda de uma intérprete, mas acabou reprovada por confiar mais nas respostas alheias do que em si mesma. Esse episódio a ensinou a valorizar sua própria capacidade, o que foi fundamental para seu crescimento acadêmico e pessoal.

Durante a graduação, Bruna realizou estágios em diversas instituições, incluindo creches e escolas bilíngues para surdos. Essas experiências práticas a motivaram a sonhar com o mestrado, especialmente para investigar o aprendizado de crianças surdas. Após anos de trabalho, ela finalmente conseguiu conciliar o ensino de Libras com o início do mestrado, marcando uma nova etapa em sua vida acadêmica.

Carlos Alberto:

Carlos Alberto também enfrentou um caminho repleto de desafios até chegar ao ensino superior. Após concluir a formação em um ambiente oralista, ele começou a explorar sua identidade surda e a adquirir fluência em Libras ao interagir com a comunidade surda. Esse processo, embora tardio, de aprendizagem o ajudou a perceber que era possível continuar seus estudos.

Sua primeira formação foi em Pedagogia, e ele posteriormente cursou Letras-Libras, em que aprofundou sua compreensão sobre a língua de sinais e a cultura surda. Por fim, ingressou no mestrado, um marco que consolidou sua trajetória acadêmica. Carlos sempre destacou que sua entrada no ensino superior foi um momento de transformação, pois permitiu que ele utilizasse sua experiência pessoal como inspiração para buscar e desenvolver métodos de ensino mais inclusivos.

Reflexão:

As jornadas de Bruna e Carlos Alberto no ensino superior mostram que, apesar das barreiras, a determinação e o apoio adequado podem fazer a diferença na vida de estudantes surdos. Ambos demonstram como a educação pode ser um instrumento

de transformação pessoal e social, abrindo portas para novas possibilidades e inspirando outros a seguir pelo mesmo caminho.

5. A vida no mundo do trabalho

O ingresso no mercado de trabalho apresenta desafios significativos para pessoas surdas, em especial devido à falta de acessibilidade e ao preconceito estrutural que ainda persistem. As histórias de Bruna e Carlos Alberto destacam não apenas as barreiras enfrentadas, mas também como a resiliência e o apoio da comunidade surda foram fundamentais para transformar essas dificuldades em conquistas significativas.

Bruna:

Bruna enfrentou diversas resistências ao buscar inserção no mercado de trabalho, especialmente pela falta de compreensão sobre sua identidade linguística e as necessidades das pessoas surdas. Durante sua trajetória, ela trabalhou em uma escola regular, prestando apoio pedagógico a alunos surdos, e em uma escola bilíngue, onde pôde vivenciar práticas educacionais que priorizavam a Libras como base do ensino. A experiência na escola regular possibilitou a observação das dificuldades enfrentadas por alunos surdos em ambientes não adaptados, enquanto o trabalho na escola bilíngue reforçou sua compreensão sobre a importância de métodos pedagógicos inclusivos e bilíngues. Essas vivências contribuíram para fortalecer sua atuação como educadora e sua dedicação à construção de espaços escolares mais acessíveis e respeitosos.

Carlos Alberto:

Carlos Alberto transformou suas experiências pessoais em uma carreira dedicada à comunidade surda. Após enfrentar um sistema educacional punitivo e que negligenciava a língua de sinais, ele encontrou no ensino da Libras uma maneira de ressignificar sua trajetória e impactar a vida de outros surdos. Para Carlos, a docência foi mais do que uma escolha profissional; tornou-se uma forma de empoderar-se e empoderar sua comunidade, demonstrando que pessoas surdas podem ocupar espaços de liderança e relevância social. Seu trabalho como professor de Libras não apenas fortalece a identidade linguística dos surdos, mas também desafia preconceitos, promovendo o reconhecimento de que a língua de sinais é uma

ferramenta fundamental para a inclusão e a construção de uma sociedade mais igualitária.

Reflexão:

As histórias de Bruna e Carlos Alberto destacam que a inclusão no mundo do trabalho vai além de proporcionar oportunidades; é também um reflexo direto de uma educação acessível e respeitosa, em que a língua de sinais é reconhecida como um direito essencial. Apesar das barreiras, ambos demonstraram que é possível transformar adversidades em forças motrizes para impactar a sociedade de forma positiva, exemplificando o conceito hegeliano de *aufheben*, isto é, superação, quando forças que se contrapõem provocam um movimento que produz um salto de qualidade para o “novo”.

As conquistas de Bruna e Carlos não foram apenas individuais, mas representaram avanços para a comunidade surda como um todo. Seus percursos no mercado de trabalho mostram que espaços acessíveis e inclusivos não apenas beneficiam pessoas surdas, mas também enriquecem toda a sociedade ao valorizar a diversidade como elemento fundamental para a construção de um futuro mais justo e equitativo.

6. A descoberta da LIBRAS e a expansão do mundo vivido: escola, amigos, lazer etc.

A descoberta da Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi um divisor de águas na vida de Bruna e Carlos Alberto. Mais do que um meio de comunicação, a Libras abriu portas para a compreensão de suas identidades e para uma nova forma de se conectar com o mundo.

Bruna:

Bruna teve seu primeiro contato com a Libras na infância, durante os dois anos em que frequentou a Brasci. Nesse ambiente bilíngue, ela começou a desenvolver a fluência na língua de sinais, que se tornou uma base essencial para sua comunicação. No entanto, ao ingressar em escolas regulares, Bruna encontrou um cenário onde a Libras não era utilizada. Sem intérpretes e com professores e colegas que desconheciam sua língua materna, ela precisou adaptar-se, utilizando leitura labial e outras estratégias para acompanhar as aulas. Apesar dessas dificuldades, Bruna

continuou a usar a Libras no âmbito social e familiar, preservando sua identidade e ampliando sua compreensão da cultura surda.

Carlos Alberto:

Para Carlos Alberto, a descoberta da Libras aconteceu tardiamente, apenas na adolescência, fora do ambiente escolar. Durante sua infância e adolescência no internato, o uso da língua de sinais era proibido e o método oralista prevalecia por meio de práticas punitivas. Foi somente ao frequentar encontros organizados pela comunidade surda que ele teve seu primeiro contato com a Libras.

Inicialmente, ele sentiu dificuldades para acompanhar diálogos e entender as interações sociais, mas, com o tempo e a convivência com outros surdos, Carlos começou a dominar a língua de sinais. Essa experiência não apenas ampliou sua capacidade de comunicação, mas também fortaleceu sua identidade surda e lhe proporcionou uma condição de pertencimento.

Reflexão:

Como bem expressa Emmanuelle Laborit, em *O Voo da Gaivota*:

Utilizo a língua dos ouvintes, minha segunda língua, para expressar minha certeza absoluta de que a língua de sinais é nossa primeira língua, a nossa, aquela que nos permite sermos humanos 'comunicadores'. Para dizer, também, que nada deve ser recusado aos surdos, que todas as linguagens podem ser utilizadas, sem gueto, e sem ostracismo, a fim de se ter acesa a vida. (Laborit, 1997, p. 9)

As histórias de Bruna e Carlos Alberto exemplificam essa visão. Enquanto Bruna enfrentou o desafio de viver em um ambiente escolar que negligenciava sua língua, Carlos precisou superar o trauma de um sistema educacional oralista para se conectar com a língua de sinais. Para ambos, a Libras representou uma expansão do mundo vivido, possibilitando novas formas de aprendizado, interação e pertencimento. A citação de Laborit reforça como a Libras não é apenas um instrumento de comunicação, mas um direito essencial para que os surdos se reconheçam como parte da sociedade e possam explorar sua humanidade em todas as dimensões.

7. Dificuldades enfrentadas na escolarização e na vida em geral e as formas de superação (*aufheben*)

As dificuldades enfrentadas por Bruna e Carlos Alberto na escolarização e em suas vidas em geral revelam não apenas os desafios impostos pela falta de acessibilidade e preconceito, mas também como ambos desenvolveram formas de superar esses obstáculos, transformando dificuldades em crescimento pessoal e conquistas.

Bruna:

Bruna enfrentou barreiras desde cedo, especialmente ao transitar por escolas regulares nas quais a Libras não era valorizada. Sem intérpretes, ela precisou criar suas próprias estratégias para acompanhar as aulas, como o apoio de colegas e a leitura labial. Um episódio marcante foi quando a professora esqueceu de chamá-la para o recreio, deixando-a trancada na sala de aula. Esses momentos, embora desafiadores, reforçaram sua determinação em se destacar e alcançar seus objetivos. No Ensino Médio, Bruna encontrou o apoio de um amigo que improvisava interpretações para ajudá-la a compreender os conteúdos. Mesmo diante de uma intérprete pouco habilidosa em seu último ano, ela persistiu, concluindo o ensino básico e ingressando no ensino superior.

Carlos Alberto:

Carlos Alberto viveu situações mais adversas durante sua formação. No internato oralista, ele enfrentou punições severas por não conseguir oralizar palavras corretamente. Apesar de avançar de série decorando conteúdos, ele não compreendia os significados das palavras. Foi apenas ao interagir com a comunidade surda que Carlos começou a reconstruir sua relação com a linguagem e a superar os traumas vividos.

Em sua vida adulta, Carlos usou essas experiências como motivação para atuar como professor de Libras, transformando os obstáculos de sua infância em uma ferramenta para inspirar e educar outras pessoas.

Reflexão:

As histórias de Bruna e Carlos Alberto exemplificam o conceito de *aufheben*, que significa superar, transformar dificuldades em algo maior: dar um salto qualitativo!

Ambos enfrentaram barreiras significativas, mas usaram suas experiências para aprender, desenvolver-se, crescer e criar um impacto positivo na comunidade surda e em suas próprias vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa propôs-se a analisar os desafios e as conquistas vivenciados por estudantes surdos no Brasil em sua trajetória educacional, desde a infância até o ensino superior. Utilizando como procedimento de produção de dados o relato pessoal da autora e a entrevista realizada com Carlos Alberto, mestre surdo, foi possível identificar barreiras estruturais e culturais, mas também estratégias de superação e resiliência que contribuíram para a formação acadêmica desses sujeitos.

Os relatos, embora distintos em contextos e experiências, revelam elementos em comum que são representativos da realidade educacional enfrentada por pessoas surdas. Tanto a autora quanto Carlos Alberto relataram experiências de exclusão, seja por meio da negligência das instituições educacionais, seja pela falta de acessibilidade e preparo dos profissionais. A chegada tardia de intérpretes de Libras, a ausência de práticas bilíngues e o preconceito estrutural são fatores recorrentes que dificultaram seu progresso escolar.

Carlos Alberto, nascido em um contexto rural, enfrentou desafios relacionados ao isolamento social e à comunicação limitada com sua família. Seu ingresso em um internato para surdos marcou o início de sua escolarização formal, mas também expôs práticas pedagógicas centradas no oralismo, que ignoravam a importância da língua de sinais. Por outro lado, sua trajetória foi marcada inicialmente pelo compromisso da irmã, que insistiu em buscar possibilidades de escolarização para ele, e especialmente pelo apoio da comunidade surda, que desempenhou um papel central na construção de sua identidade e na superação das barreiras educacionais.

No caso da autora, o apoio familiar foi crucial para enfrentar as dificuldades impostas pela sociedade ouvinte. Desde a infância, a presença de sua mãe, que se dedicou ao aprendizado da Libras e incentivou seu desenvolvimento linguístico, foi fundamental para garantir sua autonomia e autoestima. No entanto, sua experiência escolar em ambientes regulares revelou a exclusão sutil disfarçada de inclusão, evidenciada pela falta de intérpretes de Libras, pelo despreparo dos professores e pela desvalorização das especificidades linguísticas dos alunos surdos.

Ambos os relatos ressaltam a importância da educação bilíngue como um direito básico e uma estratégia essencial para garantir a inclusão efetiva dos estudantes surdos. A Libras, como língua primária, não apenas promove o aprendizado, mas também fortalece a identidade cultural e a autoestima. Já o português, como segunda língua, amplia o acesso ao conhecimento e à inclusão na sociedade majoritariamente ouvinte. Esse modelo bilíngue, no entanto, ainda enfrenta resistência e falta de implementação adequada, conforme evidenciado nas experiências aqui relatadas.

Além disso, a análise revelou que as barreiras enfrentadas pelos surdos não se limitam ao acesso à educação, mas também abrangem questões culturais e sociais. Conforme destacado por Lev Vygotski (2021, p. 99), “[...] das insuficiências surgem as capacidades [...]”. Essa perspectiva é claramente observada nas trajetórias de Carlos Alberto e da autora, que transformaram as limitações impostas pela sociedade em oportunidades de crescimento e empoderamento.

Por fim, esta pesquisa reforça a necessidade de repensar as práticas pedagógicas e as políticas públicas voltadas para a inclusão dos surdos, promovendo uma educação que respeite suas especificidades linguísticas e culturais. Como concluiu Paddy Ladd (2013, p. 22), “No final de contas, somos todos exploradores, e todos nós temos muito para dar uns aos outros das nossas jornadas”. Que as histórias aqui relatadas sirvam de inspiração para uma sociedade mais inclusiva e equitativa, em que a diversidade seja plenamente reconhecida e valorizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Casa Civil. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Brasília, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 26 de janeiro de 2025

CIAMPA, Antônio Carlos da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

FONSECA, Felipe Zuculin da. **Constituição identitária de jovens surdos no ensino regular e no ensino bilíngue em escolas de Ensino Médio da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.** 2024. 197 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

FURG - Universidade Federal do Rio Grande. **Primeira doutora surda do Brasil fala na FURG de suas experiências.** 2011. Disponível em: <https://www.furg.br/noticias/noticias-arquivo/furg-18536#:~:text=O%20anfiteatro%20da%20%C3%81rea%20Acad%C3%AAmica,t%C3%ADtulo%20de%20doutora%20no%20Brasil>. Acesso em: 24 jan. 2025.

LABORIT, Emmanuelle. **O Voo da Gaivota.** Tradução de Leila de Aguiar Costa. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade 1: colonização dos surdos.** Lisboa: Surd'Universo, 2013.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada.** São Paulo: Instituto Piaget, 1992.

MANDELBLATT, Janete e FAVORITO, Wilma - **ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E A CONTRIBUIÇÃO DO MANUÁRIO ACADÊMICO -**

Revista Aleph / Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. - Niterói, V. 2, Outubro, 2022.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: Caminhos para uma nova identidade**. São Paulo: Revinter, 2000.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf. Acesso em: 03/02/2025.

SACKS, Oliver W. **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

STROBEL, Karin Lílian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

SYZMANNSKI, Heloísa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego (orgs.). **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

VIGOTSKI, Lev. **Problemas de defectologia volume 1**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.